

SALVADOR

setembro de 2009

Antonio Muniz de Rezende no Espaço Psicanalítico da Bahia

Primeira Conversa

A SABEDORIA DE UM VELHO ANALISTA

Com muito prazer começo nossa primeira conversa retomando contato com os antigos, na tentativa de estabelecer um bom vínculo também com os novos membros do *Espaço Psicanalítico da Bahia*. Vou tentar comunicar-me com uns e outros, respeitando as diferenças mas procurando aproximar-me igualmente de todos.

1. Quando conversei com Valdira, via *e-mail*, a respeito de um possível tema para nosso encontro, levantei a hipótese de falar-lhes sobre um assunto que venho examinando com muita atenção nesses últimos anos: a *sabedoria de um velho analista*. Trata-se primeiramente do próprio Freud, de quem estamos celebrando o septuagésimo aniversário de falecimento, mas também do *velho* Lacan, sem esquecer a *velha* senhora Klein, o *velho* Bion, e de certa forma também o *velho* Rezende.

O que será que temos em comum, desse ponto de vista? Não vou entrar em detalhes menores, mas não posso deixar de lembrar que o *velho Bion* levou a sério sua própria idade e escreveu entre outros um texto intitulado *Caesura* a cujo respeito fiz meus comentários, num artigo com o título *Cesura, no limiar do quarto quarto*. No mesmo espírito de um *memorial testamento* estou publicando agora todos os meus textos no *site* da Febrapsi, como um *legado* aos colegas do Brasil e da América Latina (FEPAL). Vocês poderão lê-los (seguindo as indicações constantes no cartão que acabo de distribuir aos presentes). No artigo citado eu mostro como Bion deixou-nos um *memorial-testamento*, fazendo por assim dizer sua despedida. Mas eu queria insistir principalmente na sabedoria do *velho analista*, que foi ficando um pouco mais *sábio*, em razão do que *aprendeu com a experiência* de vida e de análise, conforme comentado em seu livro

Learning from experience. A tal ponto que não hesito em recomendar a meus alunos, supervisionandos e mesmo pacientes, que façam análise de preferência com um velho analista. E aproveito para evocar o nome de dona Judith Teixeira de Carvalho Andreucci com quem me analisei, já maduro, depois de aposentar-me na UNICAMP. Acho que isso me ajudou bastante a levar mais a sério minha formação psicanalítica – *no limiar do terceiro quarto!*

Mais precisamente vou hoje tentar fazer com vocês uma reflexão sobre a *sabedoria* de Bion e, por extensão, de um *analista bioniano*. Devo, no entanto acrescentar, como já disse à Valdira, que não vou seguir uma seqüência rígida de pontos que não possam ser mudados. Sei aonde quero chegar, mas vou seguir os caminhos que vocês me ajudarem a escolher. Em outras palavras, vocês podem interromper-me a hora que quiserem, introduzindo outras considerações, ou até mesmo decidindo a respeito do ritmo a ser adotado. (Antes de prosseguir, gostaria de recomendar-lhes a leitura do *décimo capítulo* do Curso sobre “As Paixões de um Paciente em Análise”, já publicado no *site* da Febrapsi. Nesse capítulo eu reflito sobre a *sabedoria do analista*).

2. Falando em termos bem pessoais, não é de hoje que me interesse pelo tema da *sabedoria*. Minha primeira tese de doutorado (em teologia) tinha por título *Do desejo de sabedoria à fé teologal* (defendida em Roma em 1954). *Sabedoria* é um assunto pelo qual me interessei desde muito jovem, e na época nem podia imaginar que 55 anos mais tarde iria retomá-lo com mais seriedade e experiência - de vida e de análise.

De início, interessei-me pela *sabedoria* de maneira mais teórica, numa abordagem histórica, a partir de Aristóteles, São Tomás de Aquino, Louis Lavelle, entre outros. Será que perdi tempo? Certamente não. Aprendi com eles muita coisa que pude utilizar mais tarde, e vai ser-me especialmente útil hoje, nessa conversa com vocês, a respeito da *sabedoria* de Bion.

Aliás, com isso permito-me perguntar *por que Bion?* Ao responder, gostaria de citar um colega e amigo muito querido, Odilon de Mello Franco Filho. Durante nosso último *Encontro de Bion* ele deu uma palestra sobre *a (im)possibilidade de alguém ser bioniano*. Na hora não tomei a palavra, mas depois escrevi um artigo sobre o mesmo assunto, numa abordagem diferente da dele. De fato *é impossível alguém ser bioniano*, por uma razão muito simples e séria: Bion não estava interessado em transformar-nos em discípulos seus, mas em ajudar-nos a *sermos nós mesmos*. Neste sentido sim, ele nos propõe um aprendizado típico: aprendi com ele a ser um pouco mais eu mesmo, de verdade, e não tanto por imitação. Por isso, pude terminar meu artigo dizendo: “Sou bioniano, com muita honra e imensa gratidão, por Bion ter-me ajudado a ser um pouco mais eu mesmo *de verdade*, especialmente no uso dos modelos filosófico-científico e místico-religioso”. Ser bioniano, segundo Bion, significa você ser você, *de verdade*, embora com a ajuda dele. Aliás, ele fala muito seriamente a respeito do *analista que é, real, de verdade*. E o mesmo pode ser dito a respeito do paciente *que é, de verdade*.

À pergunta “*por que Bion?*”, respondo espontaneamente dizendo que ele é de fato bastante original, demonstrando muita sabedoria em sua maneira de pensar e praticar a psicanálise. Aliás, vocês mesmos podem verificar, lendo o número da revista *Mente Cérebro*, dedicado à história da psicanálise, cujo número 6 é inteiramente consagrado a Bion. Nesse número, há um artigo meu, com o título *A expansão do universo mental*. Nele, tento mostrar a originalidade bioniana, por exemplo, quando fala a respeito da *qualidade* da experiência analítica, em função da *sabedoria* do *analista que é*. Bion cria um espaço psicanalítico bastante original, que nos permite entender a sabedoria com a ajuda do *3º. elemento de psicanálise, LH-K*, isto é, colocando amor e ódio antes do conhecimento, diferentemente daqueles que colocavam o conhecimento em primeiro lugar (vejam no *site* da Febrapsi meu volume sobre *Os Elementos de Psicanálise*).

3. Começo relembrando que *sabedoria* em grego se diz *Sophia* e *amor* se diz *Philia*. Os primeiros filósofos eram chamados de *Sóphoi*, *sábios*, até que Pitágoras, muito *sabiamente*, preferiu declarar-se *Philósopho*, “amigo da sabedoria”, mais que propriamente “sábio”. Dessa forma introduziram-se as palavras *filó-sofo* e *filo-sofia* - *Filósofo* significando *Amigo da Sabedoria*, e *Filosofia* significando *Amor da Sabedoria*. Em ambos os casos, o amor precedendo o conhecimento.

Mudando de vértice, Bion diz algo parecido em relação ao conhecimento no campo da psicanálise e, a propósito do 3º. elemento, fala claramente de LH-K e das conseqüências daí resultantes, especialmente no relacionamento entre as pessoas.

Falando principalmente aos novos, (pois os antigos já sabem disso), com os *elementos* de psicanálise, Bion está por assim dizer ensinando o bê-a-bá psicanalítico, numa tentativa de alfabetização dos próprios analistas. Isto porque a palavra *elementum* tanto em grego como em latim refere-nos às letras do alfabeto. O abecedário é um *elementário*, constituído pelas letras que entram na composição das palavras, das proposições e do discurso. Foi neste sentido que escrevi um volume intitulado *Os elementos de psicanálise na alfabetização do psicanalista bioniano*. Pois bem, Bion enumera, de fato, 10 elementos de psicanálise, na seguinte ordem que também diz respeito à *relação* que se estabelece entre eles:

1. A relação Continente-Contido
2. A relação entre a PD e a PEP
3. A relação entre os vínculos de Amor/Ódio e Conhecimento.
4. A relação Razão-Paixão
5. A relação Pensamento-Idéia
6. A relação entre sentimento/emoção e sofrimento/dor
7. A relação Narcisismo-Social/ismo
8. A relação Ação-Atuação
9. A relação entre Comunicação e Linguagem
10. A relação entre Transformações e Analogia Simbólica.

Reparem como o terceiro elemento introduz o tema da sabedoria, como síntese entre o conhecimento e o amor. Os antigos diziam em latim *nil volitum nisi praecognitum*. Bion inverte, sugerindo *nil cognitum nisi praevolitum*. Na primeira frase afirma-se a anterioridade do conhecimento, na segunda a anterioridade dos afetos e emoções. Com semelhante mudança, temos uma verdadeira revolução epistemológica.

Dito numa linguagem mais propriamente psicanalítica: uma coisa é conhecer com ódio, outra conhecer com amor. Uma coisa é conhecer na tristeza, outra na alegria. Uma quando você está deprimido, outra quando está animado. Em outras palavras, Bion fala da anterioridade das paixões, sem excluir nem mesmo a hipótese de elas colocarem a Razão a seu serviço (cf.4º elemento).

Como exemplo, poderia convidá-los a considerarem o que está acontecendo aqui/agora: eu poderia dar uma belíssima aula sem estabelecer nenhum contato afetivo com vocês! Poderia falar, falar, sem nenhuma relação propriamente afetiva. Tudo isso na suposição de que a verdade seja impessoal e nos deixe indiferentes. Alguns professores conseguem fazer isso: chegam, dão a aula, e vão embora sem sequer olhar para os alunos!

P – Alguns médicos também fazem assim com o paciente.

R - Você acabou de dizer uma coisa importantíssima. E eu posso ilustrá-la com um exemplo oportuno. Existe na Faculdade de Medicina da UNICAMP um grupo intitulado ONCOCARE, com a delicada tarefa de “cuidar dos cuidadores”. Mais precisamente, dos que cuidam de pacientes com câncer. Os cuidadores também sofrem e acabam necessitando de um suporte especial, para melhor poderem cuidar de seus pacientes, sem se tornarem insensíveis ao sofrimento deles. Médicos também precisam de cuidado!

Voltando pois ao fio de nossa meada, Bion coloca amor e ódio antes do conhecimento, e nós podemos perguntar quais as conseqüências desse fato na experiência de análise. Pergunta inevitável, até porque nós aprendemos que o analista deve ficar isento e não se envolver

aleatoriamente. É verdade. Mas será que isso significa que pode ficar de fora?

Ninguém fica de fora! E há mesmo uma frase de Heisenberg, lembrando que “o observador faz parte da observação”. É impossível o observador ficar de fora, principalmente em se tratando de um fato humano. É impossível você observar e ficar de fora, embora isso implique também que você examine e leve em conta a natureza de semelhante participação. (Na linguagem de Freud, retomada por todos os seus discípulos, à *transferência* corresponde a *contra-transferência*, a exigir análise cuidadosa de ambas, tanto por parte do paciente como do analista).

E para não perder a oportunidade, seria o caso de perguntar o que está acontecendo neste exato momento, aqui/agora: está mesmo havendo transferência e contratransferência entre nós? Vocês estão ligados e eu estou ligado? Está dando liga? Se não estiver, eu estarei falando sozinho, com prejuízo para vocês e para mim. E o que não pode acontecer aqui, tampouco pode acontecer no consultório, com o paciente ou o analista falando sozinho!

4. Tentando pois aprofundar um pouco mais, vou lembrar uma das coisas mais bonitas ditas por Melanie Klein. E em atenção aos novos, não posso deixar de mencionar quanto Bion deve a ela. Por mais original que seja, ou por isso mesmo, ele se declara “kleiniano mesmo quando não parece ser”. Ele foi analisado por ela, e conserva em sua prática analítica muito do que a viu pôr em prática.

Um bom exemplo é o que Melanie Klein ensina a respeito de *Inveja e Gratidão*. Pessoalmente, acho que este é seu melhor livro. Nele, por assim dizer, ela põe em prática isto que Bion veio dizer-nos depois, a respeito das relações entre amor e conhecimento. Querem ver?

O que significa a palavra *inveja*, derivada do verbo latino *invidere*? Ao pé da letra significa “ver com maus olhos”, conhecer com má vontade, destorcidamente. Vocês sabem até onde isso vai? Eu costumo dizer que o invejoso não tem condições de fazer ciência. Brincando, acrescento: “não

mandem fazer nenhum exame no laboratório de um invejoso. Ele é capaz de destorcer os resultados!”.

E por que faria isso? Porque não tem condições de amar o que vê. Mais precisamente, não tem condições de ver com bons olhos coisas boas, no outro e em si mesmo. Isso vai tão longe que Melanie Klein acaba falando de uma “inveja de si mesmo”. É mais sério do que pode parecer à primeira vista. O invejoso é incapaz de reconhecer coisas boas, alegrar-se com elas, e desenvolvê-las. O invejoso acaba sempre piorando.

Aliás, falando de maneira mítica, segundo o modelo mito-poético-religioso presente na Bíblia, o livro do Gênesis descreve Lúcifer como o primeiro invejoso, que não viu com bons olhos a obra da criação e quis destruí-la ou estragá-la.

Aprofundando um pouquinho mais: estamos falando da sabedoria de um velho analista, *não invejoso*, que soube aprender com a vida e a análise! De acordo com o título de Melanie Klein, o contrário da inveja é a *gratidão*. Em sentido psicanalítico, o contrário da gratidão não é tão somente a in-gratidão, mas a inveja. Por que? Porque se a gratidão vê com bons olhos e louva coisas boas em si mesmo e nos outros, o invejoso as vê com maus olhos, amaldiçoa-as, entristecendo-se na sua presença.

Não sei se já analisaram algum invejoso. É terrível! O invejoso sofre muito com o bem do outro, principalmente em se tratando de um bem maior. Quanto maior o bem do outro, mais o invejoso sofre. Há mesmo uma espécie de requinte do invejoso, quando passa a entristecer-se com os menores sinais de bondade da parte do outro. É como se ficasse espreitando para descobrir qualquer deslize. “Será que Valdira é mesmo tão boa como sua filha diz?”. O invejoso fica observando para surpreender até as menores falhas. Finalmente, ele é de fato uma pessoa *mesquinha*.

E tudo isso por falta de amor ao que é bom. O grande pecado do invejoso é o ódio à bondade, e às pessoas boas. Por isso mesmo, ele nunca pode ter amor à sabedoria! Eu estava falando de Lúcifer. Não por acaso, no mito bíblico, ele é responsável por tudo de mau que aconteceu em seguida. Deus fez o jardim ... e Lúcifer pensou: “Está bonito demais, vamos

estragar!”. Deus criou Adão e Eva ... e Lúcifer pensou: “Imagem e semelhança de Deus? Vamos estragar!”. O pior é que, de acordo com o mito bíblico, ele conseguiu o que queria. Ou melhor, a inveja é apresentada como estando na origem da deterioração das coisas boas no mundo, desde o princípio. E qual o nome do primeiro invejoso? *Lúcifer*, o luminoso! O que via bem, e tinha melhores condições de enxergar com bons olhos. Toda essa capacidade de olhar e ver foi posta a serviço do mal, para destruir a bondade das coisas e das pessoas.

5. O contrário da inveja é a gratidão.

P – Mas Lúcifer pelo menos sabia...

R – Sabia, mas não gostava! O invejoso não gosta do bem que conhece.

P – Então ele conhece!

R – De um conhecimento perverso. Por isso mesmo Bion se pergunta se o invejoso pode ser analisado. E responde que nem o invejoso nem o mentiroso. O invejoso conhece a bondade e não a ama, o mentiroso conhece a verdade e não a ama. Ambos só poderiam ser analisados se e na medida em que passassem a gostar da bondade e da verdade.

Estão vendo o que o invejoso tem em comum com o mentiroso? O desamor pela bondade e a verdade. O verdadeiro mentiroso sabe a verdade, não gosta dela e diz o contrário. Por isso mesmo não devemos confundir mentiras e equívocos. Quem se equivoca não sabe a verdade, mas quem mente sabe. Sabe a verdade, não gosta dela, e diz o contrário.

E a pergunta passa a ser: por que será que o mentiroso não gosta da verdade? A resposta é: porque de alguma forma a verdade não combina com sua maneira de ser. Usando uma linguagem econômica, ele acha que tira mais vantagens com a mentira do que com a verdade. Evidentemente, isso tem um preço: o desassossêgo pelo resto da vida, pois quem mente uma vez vai ter que mentir a vida inteira, para ser coerente. Mentir de maneira coerente dá muito trabalho.

P – Com muito gasto de energia!

R – Haja energia! Tudo isso para vocês compreenderem o que Bion está dizendo ao colocar LH antes de K. A inveja não gosta de coisas boas, a mentira não gosta de coisas verdadeiras. Está claro?

Agora imaginem tudo isso numa sessão de análise. O analista não vai simplesmente dizer “você está mentindo”, mas vai ficar muito atento, fazendo o possível para ajudar o paciente a fazer as pazes com a verdade (no caso do mentiroso), reconciliando-se com o que é bom (no caso do invejoso). Não é fácil analisar nem um invejoso nem um mentiroso.

Atenção, pois não estou falando apenas de mentirinhas infantis. Aliás li recentemente um artigo em que o autor mostrava como é que as crianças aprendem a mentir. Uma das hipóteses é o uso da mentira como defesa diante de uma ameaça por parte dos adultos. Por exemplo, o pai grita ameaçadoramente: “Quem quebrou este copo vai apanhar! Foi você Zezinho?”. Por assim dizer, espontaneamente a criança mente, para defender-se da ameaça paterna.

Em outras palavras, nem sempre a ameaça e o castigo promovem a justiça. Aliás, amanhã provavelmente vou falar-lhes um pouco mais sobre o perdão e a justiça. Perdoar não é simplesmente esquecer e fazer de conta que não houve nada. Perdoar é dar ao outro a chance de reparar, ajudando-o a fazê-lo. Quem errou tem direito à reparação, com toda dignidade. Existe uma pedagogia do perdão que, de alguma forma, também depende da sabedoria do educador. (A este respeito vou citar Hanna Arendt em *A condição humana*)

6. Quais são pois os sinais de uma *sabedoria grata*? Um deles, e não dos menos importantes, é a capacidade para *ensinar*, eu diria, *generosamente*.

Começamos insistindo na relação entre a gratidão e o reconhecimento. Reconhecimento é sinônimo de gratidão, como capacidade de identificar uma outra pessoa. Vejam como me dirijo à Mira: “Mira eu te reconheço, porque te sou reconhecido”.

O que me permite reconhecer (em sentido *cognitivo*), é o reconhecimento que tenho por ela (em sentido afetivo). Assim, a própria palavra *conhecimento* adquire uma dimensão maior com o significado de gratidão. E se nos lembrarmos de que *reconhecimento* em francês se diz *reconnaissance*, não nos surpreenderemos se alguém disser que no reconhecimento há também um *re-nascimento* (*naissance*, em francês). Diante de uma mãe grávida, não teremos dificuldade em compreender que quando seu filho nascer, ela o re-conhecerá de verdade. A pessoa por assim dizer nasce de novo ao ser reconhecida.

No caso da mãe que tem o primeiro filho, semelhante experiência atinge igualmente a identidade dela: ela não era mãe e passa a ser. Em outras palavras, nós tampouco somos os mesmos a partir do momento em que reconhecemos uma outra pessoa. Nossa identidade é afetada pelas relações vinculares de amor e gratidão. (Quem melhor trabalha este aspecto é Emmanuel Lévinas escrevendo sobre o *Rosto* do outro. Também Paul Ricoeur escreveu um livro precioso sobre *Les Parcours de la Reconnaissance – Os caminhos do reconhecimento*).

Em sentido contrário, o desconhecimento não deixa de ser um atentado contra a identidade de uns e outros. Falando de maneira extremamente didática, Bion ensina que +K é reconhecimento, -K desconhecimento. E se K positivo é gratidão, K negativo é inveja. Pensem naquele samba “Risque meu nome do teu caderno...”. Você não existe mais para mim, nem eu para você!

Vejam bem: começamos falando da sabedoria como de um amor que precede o conhecimento, e prosseguimos falando de um reconhecimento que se desenvolve como amor à verdade do que somos. Tudo isso é tão profundo que acaba remetendo-nos a uma das mais belas experiências da verdade em sentido psicanalítico: a verdade como *concordia* ou concordância. Pensem em duas pessoas gratas entre si: elas ficam de acordo, concordes, na concordância, isto é, em comunhão cordial. Bion fala então de *At-one-ment*, e eu falo de *concordia* como uma das experiências mais bonitas e mais ricas da *verdade*.

Escrevi um livro com o título *A questão da verdade na investigação psicanalítica*. De fato esta é uma das belas *questões* que o psicanalista pode encontrar, indo além da própria pesquisa científica. A partir da epistemologia, costumo distinguir seis possibilidades científicas de experimentar a verdade: a primeira como *coerência* nas ciências formais, a segunda como *correspondência* nas empírico-formais, a terceira como *consenso simbólico* nas ciências humanas. Na psicanálise temos a verdade como *desvelamento*, como *não-esquecimento*, e finalmente *concordância*.

Nas ciências formais, cujo paradigma é a matemática, a verdade é *coerência*, de maneira unívoca e absoluta. $2+2=4$, sempre e em toda parte, independente de outras considerações. E se eu tirar uma unidade, vou ter $2+1=3$, coerentemente, de maneira absoluta. Nas ciências físicas a verdade é *correspondência* ao real, como se pode verificar numa experiência *correspondente*. Se disser que a água ferve a 100° , poderei verificar com a seguinte experiência: ponho água num recipiente e o recipiente sobre o fogo. Fico esperando com o termômetro na mão. Quando a água ferver, poderei verificar, com a ajuda do termômetro: a temperatura da água neste momento é mesmo de cem graus centígrados. Já nas ciências humanas a verdade é experimentada na forma de um *consenso simbólico*, levando em conta semelhanças e diferenças, tanto individuais como coletivas.

Na psicanálise há três formas de experimentar a verdade. A primeira é o *desvelamento*, e corresponde ao sentido grego da palavra *alétheia* como *não-encobrimento*. É nesse sentido que Freud fala das defesas *encobridoras*, que analista e paciente tentam des-encobrir durante a análise. A segunda experiência psicanalítica é da verdade como *não-esquecimento*. Ela acontece na tentativa de recordar ou relembrar o que o Inconsciente tentava esquecer por meio do recalçamento. Por último, temos a verdade como *concordância* ou concórdia, no consenso entre dois corações a respeito do que é bom para ambos.

Como consequência positiva, a pessoa grata-reconhecida retribui generosamente. Uma *retribuição* ativa que não se contenta com palavras, num agradecimento verbal, mas se demonstra na prática, fazendo o bem.

Costumo dizer isso de maneira bem simples nos seguintes termos: é bom ser bom, porque o bem faz bem. As pessoas crescem juntas fazendo o bem.

Para dizer tudo isso, Bion inventou a palavra *At-one-ment*, (a não ser confundida com *atonement*). *At-one-ment* é um substantivo criado a partir da expressão *at-one* para significar a situação em que duas ou mais pessoas estão e sentem-se em comunhão. Pessoas gratas entre si, pessoas concordes relativamente ao bem, sentem-se em comunhão umas com as outras, ao contrário do que acontece com pessoas cindidas de maneira esquizóide.

7. Uma outra dimensão importante da sabedoria tal como considerada pelos antigos no-la apresenta como “conhecimento *certo* pelas *causas últimas*”. Como se pode ver facilmente, há dois aspectos mais característicos: o primeiro diz respeito à *certeza* do conhecimento (científico), o segundo às *causas últimas* como fundamento da sabedoria.

Ora esses dois aspectos foram retomados de maneira original no pensamento contemporâneo, especialmente sob a influência de Einstein com a teoria da relatividade e de Freud com a psicanálise. Ilya Prigogine, em particular, escreveu um belo livro sobre *O fim das certezas* no qual mostra como, principalmente depois de Einstein, os cientistas trabalham muito mais com *probabilidades* do que com certezas. (É bom saber que Prigogine, prêmio Nobel de química, mantinha em Bruxelas um grupo de estudos com psicanalistas). No campo da psicanálise atual, a contribuição de Bion é particularmente digna de nota, como se pode ver, por exemplo em seus estudos sobre o pensamento (Cf. *Uma teoria sobre o processo de pensar*).

Sob a influência da psicanálise contemporânea, mas não só dela, fez-se também uma crítica ao *pensamento causal*, que considerava todo conhecimento científico como devendo privilegiar a relação causal entre os fenômenos (dentre os quais alguns seriam *causa* e outros seriam *efeitos*), a tal ponto que um raciocínio científico consistiria sempre em mostrar qual a

causa, ou as causas, de um determinado efeito, *explicando-o*. (Donde a expressão meio brincalhona: *Freud explica!*).

No pensamento complexo atual, mais do que buscar a causa para explicar seus efeitos, os pensadores passaram a meditar sobre o sentido, a significação, a semântica dos fenômenos observados, tentando *compreendê-los*. Sentido mais que causa, compreensão mais que explicação, dar sentido mais que produzir efeitos! E esta passa a ser uma das características do pensamento simbólico, como vamos ver em seguida, especialmente ao falarmos da eficácia simbólica.

Igualmente em relação às causas *últimas* como fundamento da sabedoria, a psicanálise bioniana prefere enfatizar a relação com a *Realidade Última*, inclusive em termos de experiência: uma experiência de ser (*Being*), muito mais que de conhecer. E é a seu respeito que Bion serve-se de uma linguagem simbólica para referir-nos a “*O*”, como sendo “infinito, informe, inominável”. Não se trata tanto de conhecer, como de ser, em *At-one-ment*, ou, nos termos da verdade: *de acordo com O, em direção a O*. Como direi mais à frente, isso mesmo leva Bion a privilegiar o modelo místico-religioso para falar e analisar *com sabedoria* a experiência de ser O, de acordo com O, em direção a O.

E vocês estão vendo como a sabedoria do velho analista Bion ao mesmo dá continuidade à experiência dos antigos e introduz uma surpreendente novidade no seio da psicanálise atual. Como já disse, e repetirei oportunamente, Bion introduz uma ruptura com o Inconsciente freudiano, passando a falar do *Incognoscível*, como objeto da sabedoria psicanalítica. (Cf. Meu livro *A psicanálise atual na interface das novas ciências*).

Com isso posso terminar a primeira parte de minha exposição, para em seguida falar da *experiência simbólica* propriamente dita e da *simbolização* como fator de expansão do universo mental. A palavra *símbolo* (*synbolon* em grego), começa com a partícula *syn* que é a preposição *com* em português, por exemplo na palavra *co-munhão*. Segundo Bion, o símbolo é uma *com-junção* constante que une e reúne.

Ao contrário do símbolo, a *diabolé* separa. O consenso simbólico, a verdade, a gratidão, a concórdia, a retribuição, a comunhão reúnem, juntando e conjuntando. Ao contrário, a inveja separa, bem como a mentira, a discórdia, o desconhecimento. A simbolização é uma experiência riquíssima sobre a qual vamos falar a seguir.

oooOooo

Segunda conversa
O símbolo, a simbolização e o processo simbólico

1. Dando continuidade ao que dissemos na primeira conversa, permito-me chamar a atenção de vocês para um fato extremamente simples, mas bem significativo. Faz 20 anos que estudo Bion, a tal ponto que não preciso escrever tudo, antes, para falar-lhes a respeito de seu pensamento. Com relativa facilidade consigo falar a partir do que já tenho dentro de mim. No entanto, devo reconhecer que as perguntas que vocês me fazem constituem excelente estímulo não só para eu falar, mas até mesmo para pensar. É uma excelente ajuda que recebo de vocês neste momento, com boa escuta e boas perguntas. Há pouco, conversando com Deíse, eu começava uma frase e ela terminava, por assim dizer sabendo de antemão o que íamos dizer. Eu dizia *Concórdia ...* e ela *concordância...*

O mais importante, porém, é que algumas coisas, mesmo repetidas, não são exatamente as mesmas. De repente deu-me vontade de mencionar a experiência do casal: o amor de hoje não é exatamente o mesmo de ontem, Pode ser um amor renovado ou, nos termos de Bion, um amor *transformado*, com variáveis e invariantes. Por isso mesmo, sou muito grato aos que me ouvem com atenção, porque, ouvindo-me assim, ajudam-me a elaborar em vista de uma melhor comunicação. E aproveito para dizer uma das grandes intuições de Bion, ao falar de “pensamentos à procura de pensadores”. Os pensamentos estão por aí, à procura de pensadores. Se encontrarem alguém disposto a acolhê-los, eles o fazem pensar de maneira surpreendente. Por isso tenho esse caderninho para anotar “pensamentos que andam à minha procura”. Às vezes acordo de noite, e eles vêm. Respeitosamente, levanto e tomo nota, para desenvolvê-los oportunamente. Já virou até piada, lá em casa. Meus filhos de vez em quando me

perguntam se “tive alguma idéia essa noite...”. Quando tenho, anoto, e não deixo os pensamentos irem embora.

Outra coisa bem pessoal que queria contar a vocês é a seguinte. Tive uma aluna, professora da UNICAMP, muito inteligente. Escreveu um livro para o qual pediu-me que redigisse o *prefácio*. O título do livro era *Por que não?* E o assunto, as idéias novas! Por que não inovar na própria Universidade? Num gesto inovador, ela acabou envolvendo-me, meio a contragosto: ela propôs a seus alunos doutorandos que experimentassem escrever a história (do Brasil) com base no depoimento de pessoas vivas, de mais idade. No meu caso, um título poderia ser “80 anos de história, contados por alguém que os viveu”.

Como seria a história do Brasil contada por mim, de 1928 até agora? Achei a idéia genial e comecei a anotar minhas lembranças. Fiquei surpreso, porque acabei separando material para cinco capítulos diferentes: um sobre minha família e suas origens mineiro-lusitanas; outro sobre a história política de Getúlio Vargas e o Estado Novo até a Revolução e a Contra-Revolução; o terceiro sobre minhas viagens à Europa e à América do Norte, levando em conta a 2^a. guerra mundial e suas conseqüências, em termos políticos e sócio-culturais, até à Revolução Cultural de 68 e a redemocratização em nosso país; o quarto seria um capítulo sobre a história religiosa de Pio XI a João XXIII, com a expectativa criada pelo Vaticano II, e o fim da Era Constantiniana; o quinto e último seria sobre a história de nossa Universidade, incluindo minha própria transformação profissional, da teologia para a filosofia, e destas para a psicanálise, especialmente a bioniana.

(Só para estimular o interesse de vocês, ouçam esses nomes: “Tristão de Athayde, Jackson de Figueiredo, Cardeal Leme, Cardeal Arcoverde, Cardeal Mota, Dom Cabral, Gustavo Corção, Chesterson, Jacques Maritain, Sebastião Tauzin, Pedro Secondi, Emmanuel Mounier, Revista A Ordem, Livraria Agir, Ação Católica, Liga Eleitoral Católica, Jesuítas, Dominicanos, Conselho Vaticano II”, JUC e Ação Popular ...). Meu Deus, eu vivi tudo isso! Não posso contar tudo no detalhe, mas de alguma forma

está dentro de mim, e não posso surgir diante de vocês sem trazer pelo menos um pouco dessa história ... nacional e universal! (Sobre isso escrevi um artigo para a revista IDE com o título *Psicanálise e experiência cultural – qual é a sua?*).

O que estou querendo dizer-lhes agora? Que lhes sou muito grato por estarem aqui comigo, acolhendo um pouco de minha vida e de nossa história comum. É mais ou menos o que Freud dizia de cada sessão: a sessão de hoje não é igual à de ontem, nem eu sou o mesmo, ainda que fale sempre na primeira pessoa. Embora já tenha tratado desses assuntos com vocês em outras ocasiões, eu os retomo hoje de outra maneira, em função principalmente da presença dos novos.

E agora recomeço a partir de onde terminamos a primeira conversa, com a distinção entre o simbólico e o diabólico. O simbólico reúne, o diabólico separa!

2. Mais precisamente, começo dizendo que o sábio normalmente simboliza e simbolizar é próprio do sábio. Dito de maneira ainda mais eloqüente: sem simbolização não há sabedoria e sem sabedoria não há simbolização. E o contrário? Não simbolizar é próprio do psicótico e do esquizofrênico. (Cf. especialmente os textos de Bion sobre *O pensar do esquizofrênico* e *Ataques ao elo de ligação*). Não simbolizar é psicotizar e esquizofrenizar.

P – Quem não é grato psicotiza!

R – Isso mesmo! E vejam este outro título de Melanie Klein: *Da importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*. Aliás o tema do símbolo é tão importante que todos os psicanalistas acabam falando a seu respeito. Mais que isso, começam propondo-nos o desafio da simbolização. Lacan, por exemplo, mostra a ida do movimento *RIS* - do real, ao imaginário, até o simbólico, e sua volta como *SIR* - do simbólico, passando pelo imaginário, até o real. Como é fácil perceber, um é o Real no ponto de partida, antes da simbolização, outro no ponto de chegada, depois da simbolização. Michel Foucault mostra um movimento parecido que vai

das coisas (*Les choses*) às palavras (*Les mots*), e das palavras às coisas, em seu livro que tem precisamente este título “*Les mots et les choses*”.

Qual o problema do psicótico? Ficar preso nas coisas e acabar concretizando as próprias palavras, num *realismo maluco*. O esquizofrênico, por sua vez, separa as coisas e as palavras, não vendo a ligação que pode haver entre elas, numa *disjunção* igualmente *maluca*.

Para não correr o risco de ir depressa demais deixem-me seguir o ritmo correspondente ao processo de simbolização. A partícula *syn*, em grego, é a conjunção *cum* do latim, *com* em português. Simbolizar significa juntar, unir, ligar, conjuntar ... numa conjunção constante. Já a *diabolé* separa, divide, cinde ... esquizofrenicamente.

O paradoxo da análise é que, por assim dizer, ela comporta algo das duas alternativas, de maneira saudável. A análise *separa*, discrimina, critica, para poder *reunir*, sem gerar confusão. Na linguagem de Melanie Klein, retomada por Bion a propósito do 2º. elemento de psicanálise, (PD/PEP): na elaboração da Posição Esquizo-Paranóide, a dupla (analista-paciente) adota uma atitude *crítica* que permite distinguir, discriminar, decidir, sem confundir. Em seguida, na elaboração da Posição Depressiva, a dupla (analista-paciente) *reúne* o que não pode ficar separado, sem prejuízo de nenhum dos lados.

Neste sentido, costumo dizer que, diferentemente de alguns kleinianos que privilegiam sempre a Posição Depressiva em nome da simbolização, Bion ensina-nos a elaborar a Posição Esquizo Paranóide, discriminando *criticamente*, sem confundir alhos com bugalhos. E isso também é simbolizar, preparando *de-cisões*.

Não podemos identificar símbolo e confusão! Entendam isso, por favor. Juntar tudo de qualquer jeito dá confusão. Ao contrário, ao simbolizar nós respeitamos as diferenças com vistas à integração.

3. Creio que agora, e só agora, posso dar uma definição de símbolo. Aliás, duas. Vou ser bem didático e ao mesmo tempo preciso, pensando principalmente nos novos, para que mais facilmente aprendam a

simbolizar. Vou dar uma *definição filosófica* inspirada em Merleau-Ponty, e uma outra *mito-poética*, de Melanie Klein, inspirada em Homero. E amanhã nós completaremos, mostrando como Bion simboliza recorrendo a três modelos epistemológicos: filosófico-científico, estético-artístico e místico religioso. (Sobre isso não deixem de consultar o número da revista *Mente Cérebro* dedicado a Bion).

No contexto do modelo filosófico-científico, gosto de citar a contribuição de Merleau-Ponty (que estudei mais profundamente em minha tese de doutorado em filosofia). Segundo ele o símbolo se define como:

*Uma polissemia encarnada
estruturando-se dinamicamente
na dialética da imanência
com a transcendência.*

É uma definição extremamente rica em que cada termo corresponde a uma das grandes intuições tanto da filosofia como da psicanálise. A primeira palavra importante é *polissemia* – querendo dizer que no símbolo há sempre múltiplos sentidos, e não apenas um.

Aliás, o contrário da polissemia simbólica é a univocidade psicótica. Por isso mesmo, um dos sinais da psicose é a univocidade, manifestando sua incapacidade para simbolizar. Onde há vários sentidos, o psicótico vê um apenas, e se organiza em função dele, de maneira burra. Como diz o Chico Anysio, “o psicótico só pensa naquilo”.

No entanto, isto mesmo precisa ser bem entendido, levando em conta o que acontece nas ciências *exatas*, que falam de maneira unívoca, sem deixar margem para qualquer equivocidade. As ciências exatas, cujo paradigma é a matemática, não podem enganar-se nem nos enganar. Uma sentença matemática é sempre entendida da mesma forma, com o mesmo sentido, aqui e no Japão, há um século atrás e daqui a duzentos anos. É sempre a mesma coisa, e por isso falamos de uma *coerência* lógica absoluta. Já nas humanas não é assim, e por isso falamos de *consenso*

simbólico, que por si só sugere a simbolização como processo ao mesmo tempo mais rico e mais difícil, em razão de sua polissemia.

No entanto falamos também de uma *polissemia encarnada*, para insistir, por outro lado, na dimensão existencial e mesmo corporal da experiência simbólica – tanto na filosofia como na psicanálise. Significativamente Merleau-Ponty chega a falar da *Carne do Mundo (La chair do Monde)*, um pouco como São João falava da Encarnação: *O Verbo se fez Carne e habitou entre nós*.

Continuamos falando de uma polissemia *estruturada*, para marcar a diferença que existe entre a polissemia simbólica e uma multiplicidade desestruturada ou desintegrada. Durante a análise, um dos principais desafios é precisamente a integração dos vários aspectos da personalidade em suas múltiplas situações de mundo. Oportunamente vou falar da concepção bioniana da personalidade, e insistir nos desafios de sua integração simbólica. (A este respeito, Lacan dirá que “o simbólico é a norma que preside a *estruturação* das estruturas”).

Acrescentamos que semelhante estruturação acontece de maneira *dinâmica*. E esta é uma das grandes intuições de Freud: a vida mental não é dada de uma vez por todas, de maneira estática ou definitiva. Melanie Klein, por seu turno, foi muito feliz ao mostrar “*A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do Ego*”. A psicanálise é uma experiência de *desenvolvimento* baseada na dinâmica dos símbolos, cuja eficácia manifesta-se na expressão *fazer sentido*. Quantas vezes, espontaneamente, a gente diz: “*Isto não faz sentido para mim*”, ou então “*Isto faz muito sentido!*”. *Fazer sentido* é um dos efeitos da eficácia simbólica, a tal ponto que, a partir daí, muitas coisas podem mudar em nossas vidas.

Só que tudo isso fica na dependência de uma real *dialética* entre a *imanência* e a *transcendência*, não apenas do *sentido*, mas da *Realidade Última*, como fonte de todo *sentido*. Este é um dos pontos altos da psicanálise bioniana, por meio do qual somos postos em contato com “O”, “infinito, informe, inominável”. Este é mesmo o paradoxo de nossa

existência: somos limitados, mas habitados pelo infinito. Somos parcialmente, mas inseparáveis da Totalidade. Temos um nome mas dependendo da Instância de Nomeação!

Vocês estão vendo a riqueza da experiência simbólica, principalmente na práxis analítica bioniana. E nós podemos entender um pouco melhor por que motivo Bion privilegia o *modelo-místico-religioso*, no prolongamento do *filosófico-científico*.

4. A concepção de símbolo em Melanie Klein também ela é bastante rica, e tudo indica que se inspira em Homero na Odisséia, como pude mostrar num livro-curso ministrado com o título: *A Odisséia de todos nós – a concepção kleiniana de símbolo* (texto que vocês podem encontrar no site da Febrapsi). Segundo a tradição da cultura helênica o símbolo pode ser descrito nos seguintes termos:

O símbolo era um objeto primitivamente uno, que duas ou mais pessoas repartiam entre si, no momento em que iam separar-se por um longo tempo. Cada uma conservava seu fragmento para com ele poderem identificar-se em caso de necessidade. Quando mais tarde se reencontravam, cada uma servia-se de seu fragmento para dar-se a conhecer, apesar das marcas adquiridas durante a história vivida em separado. Ao se reconhecerem, as pessoas recebiam um nome novo levando em conta a origem, a separação, a história e as peripécias da volta. Dessa forma constituíam um todo novo, no qual além do nome novo, cada qual passava a desempenhar um papel igualmente novo.

Como se pode ver, esta é praticamente a trama da *Odisséia* de Homero, contando a história de Ulisses e Penélope, como se fosse a história mítica da humanidade. Mas é também uma das intuições mais

profundas de Melanie Klein, mulher e mãe, entendendo profundamente o que se passa entre mães e filhos, antes e depois do nascimento.

Creio que uma das principais contribuições de Melanie Klein é esta sua maneira simbólica de conceber e praticar a psicanálise depois de Freud. Isto seja dito sem deixarmos de acrescentar que desse ponto de vista ela foi realmente mais longe que ele, no exame das relações mãe-bebê, na origem do ser humano. Todos, absolutamente todos, começamos no ventre materno. E ao nascer, começamos nossa *Odisséia*, nunca sabendo exatamente como será a volta, num reencontro não tanto com a mãe, mas de cada um consigo mesmo. Como será nossa identidade no fim do percurso? São João, no Apocalipse, acaba dizendo que este é um segredo que só o Cordeiro conhece, e nos será revelado no fim. Em termos poéticos, Mallarmé escreveu, por ocasião da morte de Edgard Allan Poe:

*“Tel qu’ en lui-même enfin
L’éternité le change*

(Tal como nele mesmo enfim,
a eternidade o transforma).

De algum modo, a análise é uma tentativa de adivinhar um pouco a verdade do que somos, antes mesmo do fim, a partir do começo! Em todo caso, faz muito sentido que Melanie Klein tenha escrito *Da importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*.

5. Uma primeira consequência de semelhante enfoque simbólico é precisamente uma nova maneira de conceber o Ego na psicanálise contemporânea. Depois de Freud nós tivemos não apenas uma mudança de vocabulário, mas de ênfase e vértice. Por exemplo, em vez de Ego Lacan fala de *sujeito*, em vez de Ego Winnicott fala de *self*, em vez de Ego Jung fala de *indivíduo*, em vez de Ego Bion fala de *personalidade*.

P – O Gilberto Safra prefere falar de *pessoa*.

R – Atenção, pois no caso de Bion, a ênfase é mesmo na *personalidade*, com a possibilidade de não a confundirmos nem com *pessoa* nem com *personagem*. Uma definição simbólica da personalidade poderia ser a seguinte:

***“Uma estrutura de relações,
de natureza emocional afetiva,
que caracteriza o sujeito, desde o início,
a ponto de poder diferenciá-lo
de outras personalidades”.***

Vou valorizar alguns aspectos, a começar pela *estrutura de relações*. Em geral costumo fazer um teste pedindo a um dos presentes que vá ao quadro negro e desenhe uma personalidade. Em geral o convidado desenha um corpo, com cabeça tronco e membros, representando um Ego Corporal muito mais que uma personalidade propriamente dita.

Para representar uma personalidade em estilo bioniano, nós poderíamos de início servirmo-nos de um triângulo ou de uma estrela, com relações bem definidas entre os diversos pontos. O que constitui uma personalidade são as relações que se estabelecem, a tal ponto que caracterizam a personalidade em questão. *Caráter* em grego significa uma marca distintiva, no sentido em que Freud, por exemplo, nos diz que “O Édipo é estruturante da personalidade”. A personalidade (segundo Freud) resulta das relações edípicas, desde o início e pela vida afora, a tal ponto que não deixamos de perguntar se pode haver alguma mudança *na* personalidade ou *da* personalidade.

Melanie Klein não hesita em falar *Da importância da formação de símbolos no desenvolvimento do Ego*. A personalidade pode desenvolver-se, sim, embora mantendo algumas características. E vocês devem estar lembrados do que dissemos na reunião anterior, a respeito da influência do amor e da gratidão no reconhecimento e identificação das personalidades entre si.

Mas nós podemos ir ainda mais longe, lembrando que, embora tenha havido uma época em que Bion privilegiava o modelo filosófico-científico, no fim acabou privilegiando o modelo místico-religioso, chegando a afirmar que “estas coisas da psicanálise se dizem melhor no vocabulário religioso do que no vocabulário científico”. E a propósito do tema da personalidade, não deixa de citar Mestre Eckhart falando sobre a Trindade.

Ora, no vocabulário religioso da teologia, “as relações intra-trinitárias são constitutivas das personalidades”. A relação de paternidade constitutiva da personalidade do Pai; a relação de filiação constitutiva da personalidade do Filho; a relação amorosa entre os dois constitutivas da personalidade do Espírito Santo.

Com isso Bion não está se declarando teólogo, mas aproveitando a linguagem religiosa para tentar dizer “melhor” essas coisas da psicanálise, em sua maneira de conceber a personalidade “como estrutura de relações”. A respeito de um determinado paciente, o analista poderá indagar como se relaciona com uns e outros, especialmente aqueles que fazem parte de sua vida pessoal. O que é característico de uma personalidade é a maneira como se relaciona, a tal ponto que seus relacionamentos marcantes também a diferenciam de outras personalidades.

Mas isso mesmo nos ajuda a distinguir personalidade e *personagem* ou *persona*. **Persona**, em latim, traduz *máskara*, do etrusco, como identificando o personagem e nem tanto a personalidade. Na realidade, uma palavra do vocabulário estético-artístico do teatro. Juntando as duas coisas, a máscara e a cara do personagem, a primeira deve ser retirada para que apareça a cara da personalidade, ou melhor, seu *Rosto* (no vocabulário de Emmanuel Lévinas).

No teatro, ao chegar ao camarim, os artistas põem máscaras e vestimentas características do personagem que vão representar. E não está nem mesmo excluída a hipótese de uma mesma pessoa desempenhar vários papéis com as máscaras correspondentes. Em alguns casos os personagens representam tão bem seus papéis que algum espectador chega a confundir a personalidade com o personagem, e vice versa. Lima Duarte, contou

numa entrevista como lhe aconteceu de algumas pessoas se dirigirem a ele como se fosse Sinhôzinho Malta, mesmo fora do palco.

Numa linguagem estético-artística, característica do teatro, também a psicanálise pode indagar a respeito dos papéis e das representações, bem como do uso de máscaras e sua retirada. Em meu livro sobre *A questão da verdade na investigação psicanalítica* eu falo sobre o *desmascaramento* como um dos aspectos da experiência da verdade enquanto *desvelamento*, isto é como recuperação da verdade do *Rosto* – tanto nosso como do outro.

É tudo isso que está implícito na proposta kleiniana de *formação de símbolos no desenvolvimento do Ego*, e na proposta bioniana de *transformações, do aprendizado ao crescimento*. Seremos nós capazes de praticar a simbolização em nossos relacionamentos? Quantas vezes nos vemos num impasse, prisioneiros de uma linguagem unívoca sem saída, ou portadores de máscaras que se colam à nossa cara, impedindo que nosso Rosto apareça! Em todos esses casos, a psicanálise está a serviço da verdade do que somos por ocasião de nossos relacionamentos.

Até porque, talvez dando razão ao Gilberto Safra, nós temos também papéis verdadeiros a desempenhar, na família e na sociedade, por exemplo como pais, professores, e até mesmo psicanalistas. Em outras palavras, a própria sociedade e a cultura organizam-se de forma simbólica de maneira a não confundir os papéis.

E isso é importante, por exemplo em relação ao vestibular e a escolha de uma profissão. O Rubem Alves tem escrito coisas interessantes sobre o caráter violento do vestibular. Ele obriga o jovem a fazer uma escolha para a qual nem sempre está preparado. Assim se antecipa uma escolha simbólica personalizante, que com relativa freqüência corre o risco de despersonalizar.

Para concluir: personalidade e simbolização vão juntas, tanto na concepção de símbolo segundo Melanie Klein, como na concepção de personalidade segundo Bion.

Normalmente, nós seríamos levados a continuar de maneira mais ousada perguntando se somos realmente livres para escolher, ou pré-

determinados, genética e culturalmente. Será que temos a possibilidade de realizar nossos desejos de maneira simbólica, polissêmica, ou será que só os podemos realizar de maneira unívoca e predeterminada? São questões delicadas, de que não vou tratar agora, mas que pelo menos não podia deixar de mencionar.

6. Em todo caso, a este propósito talvez fosse oportuno pelo menos lembrar a preferência de Bion pelo modelo místico-religioso, segundo o qual *ser* (*Being*) é mais importante que conhecer (*Knowing*). Há uma mudança de vértice com importantes conseqüências na maneira como Bion pratica sua psicanálise. Eu costumo dizer isso mostrando três grandes posicionamentos de Bion diferentemente de Freud: 1º. lá onde Freud falava do Ego, Bion prefere falar da **Personalidade**; 2º. lá onde Freud falava da sexualidade, Bion prefere falar da **Verdade**; 3º. lá onde Freud falava do Inconsciente, Bion prefere falar do Incognoscível, “O”, **Realidade Última**, Infinito, informe, inominável..

Deixem-me explicar um pouco melhor. Ao apresentar as duas tópicas (de um lado Id, Ego e Superego e de outro Inconsciente, Préconsciente e Consciente) Freud estava ao mesmo tempo privilegiando o vértice da sexualidade. A tal ponto que o Inconsciente era considerado principalmente em função da sexualidade recalcada – de que a histérica passava a ser o exemplo mais evidente. O Inconsciente para o primeiro Freud é a sexualidade recalcada.

Para Bion o vértice central é o da verdade, dentro do qual, em vez de falar do Inconsciente como sexualidade recalcada, somos convidados a falar do **Incognoscível** inalcançável. “O”, Realidade Última, Infinito, informe, inominável ... não pode ser conhecido mas pode ser **Sido**. Onde o privilégio do modelo místico, com sua experiência originalíssima.

P – Parece-me que Freud também fala do Inconsciente como fundante do ser.

R – E ao dizer **fundante** do ser, a ênfase muda da sexualidade para a verdade. Por isso mesmo, ao retomar a questão do Édipo, Bion insiste em

mostrar como a questão edípica não é tanto a relação amorosa com a mãe, mas a questão da verdade de quem ele mesmo era. Daí a pergunta da Esfinge: “Quem mesmo você é?”. A pergunta da Esfinge é relativa à identidade do Édipo, em relação à qual Bion fala da arrogância de Édipo, agindo como se soubesse, mas ignorando sua própria identidade. Daí também seu primeiro castigo: condenado por um juiz que se julgava conhecedor da verdade, sem de fato conhecê-la. “O culpado será punido” ... e o culpado era ele próprio.

O maior pecado de Édipo não foi propriamente o incesto, mas a arrogância em pretender saber o que não sabia a seu próprio respeito. E é neste mesmo contexto que Bion fala de um dogmatismo moralista psicótico. “Dogmatismo moralista psicótico” é o grande defeito do Édipo.

7. P – Gostaria que o senhor falasse um pouco mais sobre a experiência do “infinito, informe, inominável”, em continuidade com esse lado do símbolo como dialética da imanência com a transcendência...

R – De fato esta é uma boa questão. Aliás, Bion fala mais freqüentemente de *Ser, Infinito, Informe, Inominável*, simbolizado pela letra “O”. Ou então fala de Deus, Verdade, Grande Mãe, Realidade Última.

O uso da letra “O” serve de ponto de partida para outras considerações (no contexto da oitava categoria da Grade, reservada para o Cálculo Algébrico, não tanto com a ajuda de Euclides e a geometria tridimensional, mas de Rieman e Lobachevski com a geometria algébrica projetiva – no mais alto nível de abstração).

Na verdade a questão do infinito deixa-nos uma primeira impressão de frustração, porque, sendo *inominável*, nós não temos como *falar* a seu respeito. No entanto, permanece o desafio no nível da simbolização. Como simbolizar o infinito?

Nós costumamos representá-lo por uma figura que tem a forma de um oito deitado OO. De fato, para Bion, ele pode ser representado por um ponto (.) que se expande em todas as direções. Como tal, um ponto que se transforma, geneticamente, numa esfera. E é isto que a letra O

representa. E se eu perguntar qual a relação entre o ponto (.) e “O”, eu posso dizer que o ponto é o centro de O , entendido não apenas como círculo mas como esfera em expansão. E assim a mesma letra O pode ser lida como zero ou como infinito: Zero antes da expansão, infinito durante a expansão. Uma outra maneira de representar tudo isso de maneira mito-poética é com um trevo de quatro folhas, mais ou menos assim

O - energia (2)
 (3)matéria - O O – espírito (1)
 (4) vida- O

Eu quase diria que são duas figuras do infinito sobrepostas (um oito deitado e um oito em pé). Fazendo uma leitura mito-poética do livro do *Gênesis*, nós temos a seguinte série expansiva: Num primeiro momento Deus soprou, e *sopro* em latim se diz *Spiritus* (em grego, pneuma, em hebraico Ruah). Num segundo momento, agora com Einstein, o sopro de Deus gerou *Energia*. Num terceiro momento, a energia produziu *Matéria*. Num quarto momento, a matéria evoluiu para a *Vida*. Por último, a vida volta a ser *Espírito*. E assim, se estabelece um movimento perpétuo, de acordo com o mito do eterno retorno. O Infinito, não acaba nunca!

Evidentemente tudo isso nos leva a indagar a respeito da morte. Será que a morte interrompe esse circuito infinito? É uma belíssima pergunta. Em todo caso, há pelo menos uma resposta em termos mito-poético-religiosos: assim como Deus sopra-espirando, ele também sopra-aspirando. Assim como saímos de Deus, nós voltamos a Ele – de Deus a Deus.

Atenção, pois desse modo estou admitindo uma maneira de simbolizar não só a vida, mas a morte também: saímos de Deus e voltamos a Ele – respirando! Como Bion nasceu na Índia, não podemos deixar de pelo menos mencionar a importância que a yoga dá à respiração. Mais ou menos assim: lá onde Descartes dizia “Penso, logo existo”, os místicos

hindus dizem: “Respiro, logo existo”. E a respiração passa a ser uma forma de experimentarmos a presença do Espírito de Deus. Estou respirando junto com Deus, respirando o espírito de Deus! Com isso meu próprio corpo tem a consistência que o espírito lhe dá. E quando a matéria se desintegra, o espírito em mim se libera e volta para sua fonte.

Esta é pelo menos uma maneira de simbolizar a morte. E eu sugiro que vocês continuem pensando em tudo que dissemos, principalmente naquelas questões para as quais não temos respostas prontas e acabadas. Esta também é uma maneira de experimentar o infinito ... sem respostas! Vamos fazer assim: vocês continuam pensando ... e *Sendo*.

A respeito da experiência mística, em contexto cristão brasileiro, tenho o prazer de citar um livro do Leonardo Boff de que gosto muito. Tem por título *EXPERIMENTAR DEUS – A TRANSPARÊNCIA DE TODAS AS COISAS*.

Até amanhã, se Deus quiser!

TERCEIRA CONVERSA
O PROCESSO SIMBÓLICO SEGUNDO BION

Na apresentação que acabou de fazer, a Betânia disse que se sentia *privilegiada*. O privilégio é meu, Betânia. E digo isso de maneira muito verdadeira. Vocês estão me dando a oportunidade de buscar e talvez encontrar uma formulação nova para coisas antigas. Isso é muito importante! Vou usar a metáfora poética de um novo encontro amoroso com a mesma pessoa. Ele pode, perfeitamente, ser ocasião de renovação para ambos os envolvidos. Por isso mesmo, não vamos correr o risco de uma repetição pura e simples.

1. Vou começar falando de maneira bastante espontânea. Ontem à noite fui deitar um pouco preocupado. No final de nossa segunda conversa, notei uma certa dispersão de minha parte. Por isso mesmo ouvi novamente a fita gravada, e acabei achando que não estava tão ruim assim. Ou melhor, a própria dispersão podia ser sinal de nossa tentativa em simbolizar. Se há de fato *polissemia*, você não pode ficar na mesma o tempo todo.

Eu estava me sentindo meio culpado, mas me recuperei. Ouvindo a fita até o fim, pude inclusive decidir por onde começar hoje cedo, para dar continuidade à nossa reflexão. Nós vamos continuar com uma figura que já estava no quadro, com duas setas mostrando um movimento de baixo para cima, outro de cima para baixo. O primeiro, na linguagem de Lacan correspondendo a *RIS*, o segundo correspondendo a *SIR* : do Real ao Simbólico passando pelo Imaginário, e do Simbólico ao Real, com nova passagem pelo Imaginário.

Falando de maneira bem didática, pergunto como fazer para melhor simbolizarmos em termos psicanalíticos. E de maneira mais precisa, como é que um analista sábio consegue simbolizar? Para responder, começo

dizendo que o sábio simboliza em razão do que aprendeu com a experiência. E cito Bion em *Learning from Experience*. Primeiramente, com a experiência da própria *vida*, e em segundo lugar com a experiência de uma boa análise.

Dito de maneira estimulante para mim: quanto mais você viver, mais sábio pode ficar. Aliás, essa frase me foi dita lá em Campinas por um colega muito amigo: “A gente pode ficar não apenas mais velho, mas mais sábio também”. Esta é uma primeira maneira de falar do velho sábio, como de alguém que aprendeu com a experiência de uma longa vida, e eventualmente de uma longa análise.

No entanto é preciso insistir no próprio *aprendizado* tanto ou mais que na experiência: sábio é alguém que *aprendeu* – algo importante, com alguma profundidade. Daí a pergunta: aprender o quê e como? De fato só há verdadeira experiência quando há também verdadeiro aprendizado. Neste sentido, um dos sinais do verdadeiro aprendizado é a capacidade para ensinar. Este acaba sendo um belo desafio: quem aprendeu pode ensinar, mas quem ensina precisa ter aprendido.

Há pouco estávamos conversando, Lúcia, Betânia e eu, sobre a dificuldade em aprendermos com Bion. Ele não é fácil, e algumas pessoas chegam a perguntar se é um bom mestre. Ao responder, não deixo de frisar que Bion não é fácil por vários motivos. Um deles, seu estilo muito conciso.

Não sei se todos sabem qual o único prêmio que Freud recebeu em vida. Foi um prêmio de literatura, por escrever muito bem. Já no caso de Bion, muitos se queixam de ele não ser tão fácil assim. A expressão literária não é seu lado mais forte. Isto seja dito sem nos esquecermos de que, por outro lado, ele foi analista de um Prêmio Nobel de Literatura, Samuel Beckett. A tal ponto que muitos se perguntam se foi Beckett que influenciou Bion ou Bion que influenciou Beckett.

P – Ambos falam do desconhecido...

R – Não só isso. Beckett publicou um livro com o título *O inominável*, e escreveu a peça *Esperando Godot*. Esta última pode ser

considerada um comentário poético do princípio bioniano sem memória, sem desejo, sem compreensão. Por seu lado, Bion escreveu a *Trilogia fantástica*, com títulos muito beckettianos como *Memória do futuro*, *O passado no presente* e *Aurora do esquecimento*.

Em termos mais psicanalíticos, gosto de dizer que na *Trilogia fantástica* Bion fez sua auto-análise. E, entre outras coisas, faz uma simbolização poética a respeito de sua própria personalidade. Assim como Fernando Pessoa, Bion apresenta-se através de vários personagens, manifestando as dificuldades de sua integração.

Fernando Pessoa apresenta-se com mais de cem heterônimos. Bion, por seu lado, ora fala como P.A. (*Psycho Analyst*), ora como advogado, sacerdote, médico, além de Alice e Rolando. Ou então, Bion quarentão dialoga com o somito-bion de alguns dias. E assim por diante. Pode parecer coisa maluca, mas pode ser também uma riqueza genial.

P – É uma parte dele dialogando com outras partes!

R – Podem ser vários aspectos de uma mesma personalidade. A pergunta subjacente passa a ser em que medida elas se integram ou permanecem em conflito. Será que conseguimos integrar os vários aspectos de nossa personalidade de maneira saudável, ou será que não conseguimos evitar uma atitude esquizofrênica, deixando inevitavelmente algumas partes brigando com as outras?!

P – Nesse caso teríamos uma personalidade dissociada.

R – Dissociada.

2. Depois dessa *introdução*, vou tentar, com a ajuda de Bion, e em atenção principalmente aos novos, mostrar como é que a gente põe a simbolização em prática durante o processo analítico.

Pode ser muita pretensão de minha parte querer mostrar em algumas horas coisas o que a gente leva uma vida inteira para aprender. Mas se entenderem o esquema, ele lhes poderá ser de grande utilidade. Aliás, eu diria com Bion e Lacan que o esquema é menos complicado do que muitos pensam, pelo menos à primeira vista.

Como disse logo de início, Lacan mostra o caminho com a ajuda de duas setas, uma para cima, outra para baixo: RIS – SIR. De baixo para cima, nós partimos do *real* passamos pelo *imaginário* e chegamos ao *simbólico*. De cima para baixo, partimos do *simbólico* passamos pelo *imaginário* e chegamos novamente ao *real*. Um esquema simples mas com um conteúdo bastante rico.

P – O simbólico é o mais complicado!

R – Atenção, o mais complicado é o imaginário, embora o simbólico seja mais complexo. Não confundamos *complexidade* e *complicação*. Aliás, Lacan ajuda-nos a entender a diferença, quando diz que o simbólico é identicamente “a norma que preside a estruturação das estruturas”. Pelo menos para ele, esta frase é um resumo da teoria lingüística saussureana. (Como estão vendo, não dá para simplificar querendo tornar as coisas mais fáceis).

O imaginário é complexo e mais sujeito à complicação, principalmente no caso do neurótico. Daqui a pouco, ao falar da psicopatologia, vou dizer que uma característica do neurótico é ele problematizar a própria solução. Dá a impressão de simbolizar quando de fato está complicando, em função de sua imaginação muito fértil que acaba sendo, para ele, mais uma fonte de sofrimento. O neurótico imagina coisas e de repente põe-se a brigar com o outro que fica sem saber qual o verdadeiro motivo da briga. Ele inventa motivos em sua imaginação, e o outro nem sabe o que está acontecendo. O pior é quando o neurótico problematiza a própria solução que tinha em mãos.

P – No ciúme a gente vê bem isso.

R – O neurótico-ciumento problematiza a relação e não acredita na solução. Será que não tem cura? Tem, na medida em que, e à medida que aprende a simbolizar, descobrindo a norma que preside a estruturação das estruturas.

Para terem uma fonte minha, mas que também é de Bion, eu recomendo na revista *Mente Cérebro*, o artigo que escrevi sobre *A expansão do universo mental*. Nele fiz um quadro que vou explicitar com

toda calma. E vocês, por favor, não me deixem prosseguir se não tiverem entendido bem claramente a etapa anterior.

3. Começemos imaginando a situação de consultório e o analista recebendo o paciente pela primeira vez. O que faz de início? Ele observa. E eu escrevo aqui a palavra **observação**. Isso vale para todos os cientistas, e para o analista em especial.

Sempre que toco nesse assunto, gosto de lembrar uma situação vivida por Freud quando de seu estágio em Paris, com Charcot, na Salpêtrière. Charcot dizia para Freud observar. “Aí estão os pacientes, observe”. E o jovem Freud observava sem perceber nada. Charcot insistia: “Continue observando!”. Freud continuava pertinazmente, até que alguma coisa mais significativa chamava sua **atenção**.

Bion comenta esta situação, que todos nós vivemos a nosso modo, e diz que isso que de repente Freud conseguiu ver é o que Poincaré chama de **fato selecionado** : alguma coisa característica da situação e que põe ordem na desordem aparente. (Agora, estou usando uma expressão característica do pensamento contemporâneo, reconhecido como **pensamento complexo**. Uma colega nossa, lá do Rio, chamada Sonia Langlands escreveu uma tese sobre *Bion e o pensamento complexo atual*. Valeria a pena vocês providenciarem uma cópia. Tese difícil, mas importante).

Os cientistas aqui presentes sabem disso. Uma característica do conhecimento científico na atualidade é por um lado o pensamento complexo e por outro a teoria da relatividade. Ontem eu estava conversando com Remark e nos lembramos de Ilya Prigogine. Prigogine escreveu um livro precioso para os psicanalistas, com o título *O fim das certezas*. Os cientistas antigos por assim dizer se vangloriavam das certezas que tinham. Chegou o velho Einstein e lhes mostrou como lidamos muito mais com probabilidades do que com certezas. A teoria da relatividade veio relativizar a própria postura científica dos antigos cientistas.

Observando seus pacientes na Salpêtrière, é como se Freud dissesse: “Não estou vendo nada neste caos!”. De repente, porém, alguma coisa aparecia pondo ordem na desordem. A percepção de novas relações entre os elementos permite a descoberta de uma estrutura ali presente!

Como vocês estão vendo, neste momento estou valorizando a etapa da *observação*. E ela tem uma outra conseqüência importante que vou comentar oportunamente, a saber, *a relação continente ↔ contido* (primeiro elemento de psicanálise).

O cientista que observa oferece continência adequada para aquilo que está observando. Desculpem-me por ter usado o neutro *aquilo*, pois deveria ter dito para *aquela* que está sendo observado. Isso é muito importante, pois estamos sempre às voltas com alguma personalidade.

Tudo começa na observação. Se ela for exitosa, poderá haver *percepção*. E esta é mais uma palavra forte, no sentido em que Merleau Ponty a emprega na *Fenomenologia da percepção*.

4. Aqui eu poderia dizer uma palavrinha sobre os modos de percepção segundo Espinosa. Ele está na crista da onda atualmente, no ambiente universitário. Não vou falar sobre ele, mas continuar falando sobre Bion que também sugere cinco níveis de percepção.

O primeiro é a *percepção sensorial*, a cujo propósito Bion fala de um “aparelho perceptivo sensorial”, integrado por nossos cinco sentidos externos, e um sexto sentido interno chamado de *sinestésico*.

A respeito deles Bion chega a dizer que há uma experiência da verdade nesse nível, quando um sentido confirma o outro. (O exemplo que gosto de dar é muito simples: tem cheiro de maçã, tem gosto de maçã, tem forma de maçã... então só pode ser maçã, de verdade!). Mais ainda quando todos se confirmam sinestesicamente.

Sensibilidade em grego é *aesthesis*, e nós já sabemos que a *sym* (de símbolo) significa *com*. A sinestesia conjunta os cinco sentidos. Ao contrário, a *anestesia* amortece a sensibilidade.

Segundo Bion o primeiro modo de percepção se dá com a ajuda dos cinco sentidos. O *segundo* se dá em função dos afetos e emoções, a cujo respeito Bion não hesita em falar de um “*aparelho perceptivo emocional*”. Perceber com ódio não é a mesma coisa que perceber com amor. Perceber com alegria é diferente de perceber com tristeza. E assim por diante. Uma emoção confirmando as outras, nós temos também uma experiência emocional da verdade.

O *terceiro* modo de percepção acontece no nível da *intuição*, com a presença da inteligência, e das *idéias* propriamente ditas. *Idéia* é uma palavra que vem do grego *eidos*, do verbo *oráo*, com o sentido não apenas de ver mas *intuir*. *Idéia* é o visto pela inteligência.

A ela também corresponde um outro nível de *afeto* propriamente espiritual ou *pneumático*, no *quarto* modo de percepção. O *quinto* e último é no nível do próprio *ser*, numa percepção *entitativa*, que pode ser dita mais ou menos assim: quem é percebe, quem não é não percebe.

Resumindo, pois: 1º. percepção *sensorial*. 2º. percepção *emocional*. 3º. Percepção *eidética-intuitiva*. 4º. Percepção *afetiva-espiritual*. 5º. percepção *entitativa*. (Oportunamente Bion passará a falar de *At-one-ment*). Tudo isso nos levaria muito longe, mas não vou comentar agora. Voltemos pois a Freud na Salpêtrière, e ao analista em seu consultório.

5. Observando, o observador acaba descobrindo alguma coisa mais importante. Ele começa observando cuidadosamente o que, na linguagem do dia a dia, nós chamamos de *material* – ou material bruto que o paciente traz. E traz tudo de uma vez, do jeito que pode. E o analista fica meio perdido, não sabendo o que dizer, diante de tanta riqueza.

Em relação a esse material trazido pelo paciente, Bion sugere um modelo inspirado na mineração, e fala de *extração*. Como sou mineiro, não posso deixar de pensar na figura do garimpeiro com sua bateia, lavando cascalho, à procura de uma faísca de ouro ou pedra preciosa. (Com isso não deixo de fazer uma associação livre com o nome da cidade em que meu pai nasceu: Estrela do Sul, lá no Triângulo Mineiro. É o nome de um diamante

enorme que lá foi encontrado, e acabou fazendo parte dos tesouros da Rainha da Inglaterra). Desde criança eu ouvi falar do modelo da *extração*!

Quando Bion usa esta palavra, eu entendo que ele nos está propondo procurar coisas preciosas no material trazido pelo paciente. Ao material bruto ele chama de *elementos beta*, ao material precioso chama de *elementos alpha*. E para entenderem ainda melhor, em costume citar os versos que Olavo Bilac escreveu a respeito da língua portuguesa, usando o mesmo modelo da mineração. Ouçam:

*“Última flor do Lácio inculca e bela
és um a um tempo esplendor e sepultura
ouro nativo que na ganga impura
a bruta mina entre cascalhos vela”*

A ganga impura é *elemento beta*, mas ela contém ouro puro como *elemento alpha*. Vocês já viram? Não sei como é aqui na Bahia. Lá em Minas, o Rio das Velhas era conhecido pela qualidade, digamos, da ganga! Em Sabará e Ouro Preto ainda há muitos garimpeiros. Eles tiram cascalho do barranco e ficam lavando à procura de alguma pepita de ouro ou diamante.

Ouçam de novo Olavo Bilac: “ouro nativo que na ganga impura a mina entre cascalhos vela”. É isso que o paciente traz: *ganga impura-elementos beta*, da qual o analista-garimpeiro pode extrair *ouro puro* dos *elementos alpha*.

Nessas alturas já podemos perguntar, quais são as qualidades de um bom analista-garimpeiro. Bion responde falando de paciência e perseverança: que continue observando, até que alguma coisa mais importante apareça.

6. Se o primeiro momento da análise é o da percepção-extração, o segundo é o da *transformação*. Vou comentar este momento um pouco mais longamente, porque nos interessa de muito perto.

Você descobre alguma coisa e faz o quê? O analista-garimpeiro vai se transformando em analista-ourives, para transformar ouro-puro/*elementos alpha* em jóia rara/*elementos sigma*. São portanto três momentos: extração, transformação, transação.

Eu diria que o analista começa a conversar com o paciente a respeito do material trazido. Com isso vão ocorrendo transformações, principalmente em função dos modelos utilizados – e Bion fala principalmente de três: o modelo *filosófico-científico*, o modelo *estético-artístico*, e o modelo *místico-religioso*.

Por meio da transformação, Bion acredita que podemos chegar ao nível da *transação*, em que o ouro puro vira jóia rara, obra de arte, elemento sigma, propriamente simbolizado. Nos termos de Olavo Bilac, o próprio *poema*, composto com a língua portuguesa. Ouçam:

*“Amo-te assim desconhecida e obscura
tuba de alto canglor, lira singela
que tens o trom e, o silvo da procela
e o arrulo da saudade e da ternura”*

Dos elementos beta nós extraímos elementos *alpha*, e com eles alcançamos elementos *sigma* (lembrando que *sigma* é a primeira letra da palavra símbolo, em grego). Isso é básico na teoria e na práxis bioniana. Será que seus analistas fazem isso com vocês? E vocês como analistas fazem isso com seus pacientes?

Para melhor responderem, deixem-me acrescentar que nem todo mundo pode ser analista! A gente pode aprender muita coisa, mas nem todo mundo tem o dom do garimpeiro, e muito menos do ourives. Exagerando um pouco: nem todo mundo tem qualidade suficiente para ser analista, principalmente um analista observador, sensível e intuitivo. Isto seja dito sem esquecer que há também uma técnica e uma teoria correspondentes. Não basta o dom, como tampouco bastam a técnica e a teoria. Sobre esses assuntos escrevi um livro que vai estar no *site* da Febrapsi, com o título *A clínica de Bion na teoria e na prática*.

Usando o estilo kleinano, uma boa maneira de mostrar a diferença entre elementos *beta* e elementos *alfa*, é usando modelo do aparelho digestivo e dizendo que o elemento *beta* entra e sai, enquanto o elemento *alfa* entra e fica, como nutriente para o organismo. E indo além da biologia, nós falamos de nutrientes, elementos alfa e sigma, para a própria mente em sua vida psíquica. É o mundo interno em continuidade com o mundo externo, percebido em toda a sua riqueza simbólica. E não por acaso Heidegger fala de um *In der Welt Sein, Um Ser no Mundo* que por um lado nos desafia, e por outro nos alimenta. Ou então com Carlos Drummond de Andrade:

*“Mundo, mundo, vasto mundo
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria solução.
Mundo, mundo vasto mundo
mais vasto é o meu coração”*

Carlos Drummond de Andrade, mineiro de Itapira, protesta contra a Vale do Rio Doce, que com suas escavações acabou modificando a paisagem dos que ali nasceram e aprenderam a ver aquela Pedra (Ita) no horizonte da cidade.

Deixem-me repetir: o que pode acontecer no consultório durante uma boa sessão de análise? O paciente chega com elementos beta, dos quais são extraídos elementos alfa que alimentam a sessão. Durante a sessão, de vez em quando pode haver uma intuição, com transformação de alfa em sigma.

Eu quero sublinhar esta última frase que acabei de dizer: “de vez em quando pode haver uma *intuição*”. Por que? Uma vez, Bion estava dando uma conferência e falando sobre a intuição. Alguém da platéia perguntou com entusiasmo: “Dr. Bion, o senhor tem muitas intuições, o tempo todo?” Bion sorriu e disse: “Não, intuição a gente tem de vez em quando”. Ai a pessoa um pouco decepcionada insistiu: “E o que o senhor faz o resto do tempo?” Bion sorriu de novo e acrescentou: “O resto do tempo, normalmente eu faço ... psicanálise”. Noutras palavras, ao fazer psicanálise,

nós preparamos o terreno para que, oportunamente, aconteça uma intuição. Só que, como vamos dizer também, uma boa intuição pode mudar a vida, ou pelo menos o rumo da análise.

7. A este conjunto de extração transformação e transação Bion chama de **abstração** ou processo abstrativo.

Em filosofia, o tema da abstração é central, e de certa forma pressuposto a toda teoria do conhecimento. Um autor que eu continuo admirando embora muitos o considerem ultrapassado, chama-se Jacques Maritain. Ele escreveu um livro sobre *Os graus do Saber (Les degrés du Savoir)*. Na época, quando eu era jovem, era uma espécie de bíblia para os estudantes de filosofia. Nele, Maritain mostrava os vários graus do processo abstrativo. E no modelo místico-religioso, São João da Cruz também fala de dez degraus na Subida do Monte Carmelo.

A seu modo Bion igualmente vai falar de vários degraus no processo de análise – da percepção inicial até o ponto mais alto de uma identificação entitativa, a que ele dará o nome de At-one-ment: de acordo com O, em sendo O .

Vou repetir didaticamente: o processo abstrativo na psicanálise de Bion comporta três momentos, o primeiro se chama *extração*, o segundo *transformação*, o último *transação*.

O momento do meio é o mais longo, razão pela qual Bion escreveu todo um livro sobre as *Transformações*, com um subtítulo precioso, *Do aprendizado ao crescimento*. Transformar é isso: aprender para crescer, principalmente em se tratando de psicanálise. Aprender com a psicanálise para crescer humanamente.

QUARTA CONVERSA

Da aprendizagem ao crescimento

Hoje estou mais inspirado e não vou interromper nossa conversa. Tive uma noite, não diria mal dormida, mas com algumas transformações. Muita coisa aconteceu na minha mente e no meu coração. Querendo o bem de vocês, pensei muito, principalmente nos novos. Vou pois continuar, falando de *crecimento*, pensando neles em especial.

1. Aprender para crescer, como? Bion dá uma resposta preciosa em seu livro intitulado *Transformações*, mas não só nele. Eu diria que Bion fez isso em toda a sua obra, a tal ponto que ele próprio transformou-se com a ajuda do que aprendeu ao ensinar.

Aliás, esta é mais uma característica do sábio: a capacidade para mudar significativamente. Sem exagero: “quem não muda é burro, quem é sábio muda”. Aliás, eu acabei acrescentando mais um complexo aos já mencionados na teoria psicanalítica: o *complexo de Gabriela*. “Eu nasci assim, eu cresci assim, vou morrer assim...”. Coitada da Gabriela, incapaz de mudar. Vai morrer do jeito que nasceu!

Atenção, pois eu já havia feito uma pergunta delicada relativa ao crescimento: como transformar *beta* em *alfa* e *alfa* em *sigma*? Bion responde com uma proposta genial, tanto do ponto de vista psicológico e psicanalítico, como epistemológico e didático. E se me permitirem a ousadia, vou começar citando dois livros meus: *O paradoxo da psicanálise uma ciência pós-paradigmática*, e *A psicanálise atual na interface das novas ciências*. Estes livros foram publicados pela editora Via Lettera.

Sem falsa modéstia, não hesito em dizer que nenhum psicanalista bioniano pode evitar o desafio de um bom diálogo com as novas ciências, inclusive para mostrar o “paradoxo da psicanálise como ciência pós-paradigmática”.

De fato estou fazendo uma citação de Thomas Khun que escreveu um livro importantíssimo sobre *A estrutura das revoluções científicas*.

Nesse livro ele fala de ciências *paradigmáticas* e *pré-paradigmáticas*. Ora, com Bion, eu tento mostrar como de fato a psicanálise é pós-paradigmática.

Thomas Kuhn mostra como funciona o paradigma nas diversas ciências. Por exemplo: a física é paradigmática e as ciências que dela se derivam seguem um mesmo paradigma. Também a matemática é paradigmática, e serve de paradigma para as ciências que dela se derivam. Ora, o paradoxo da psicanálise é que ela não segue o paradigma de nenhuma das ciências já existentes. Ela é pós-paradigmática, e introduz um modo de pensar e fazer ciência que, por exemplo, não leva em conta a lógica clássica. A lógica clássica é disjuntiva, binária, absoluta, uma lógica do sim ou não, do terceiro excluído.

Ora a lógica da psicanálise é uma lógica *simbólica relativa*, do sim e não, do terceiro incluído. Melanie Klein, por exemplo, em sua teoria das relações objetais, fala de objeto total e objetos parciais. O objeto total é seio-bom-e-mau, enquanto o seio-bom-só-bom é objeto parcial, assim como o seio-mau-só-mau. E ela acrescenta que os objetos parciais aparecem no contexto da Posição Esquizo-paranóide, como efeito de uma cisão desintegradora.

A lógica clássica absolutiza a disjuntiva *ou*, e insiste na diferença do “seio bom *ou* mau”. A lógica da psicanálise é conjuntiva, e insiste na compatibilidade entre seio bom *e* mau. O objeto total, segundo Melanie Klein, é retomado por Bion, principalmente na análise das duas posições: PD e PEP. O ser humano nunca é “pão-pão, queijo-queijo”. Aliás, a teoria da relatividade, introduzida por Einstein no campo da própria física, permite-nos dizer que a mesma realidade pode ser considerada ou como partícula ou como onda.

Vocês estão percebendo até onde isso vai? Em vez de uma lógica unívoca e absoluta, nós passamos a ter uma lógica *simbólica relativa* – principalmente no campo das relações entre as personalidades (que por sua vez são concebidas como estruturas de relações...).

Freud e Einstein estão mais próximos do que muitos ainda supõem. A revolução que Einstein provocou na física tem algo parecido com a revolução que Freud provocou na psicologia. Aliás, ele mesmo levou-nos a falar não apenas de psicologia, mas de *meta-psicologia*.

2. Só que o desafio continua: será que aprendemos isso em todo seu alcance? É uma boa questão para todos nós, como integrantes do “Espaço Psicanalítico da Bahia”. Que tipo de psicanálise pretendemos fazer?

Atenção, pois não quero desqualificar os psicólogos. Mas ouçam como muitos deles falam, com propostas para modificar o comportamento das pessoas. Será que nossa proposta é semelhante à dos behavioristas, com receitas prontas, em vista de uma melhor adaptação dos indivíduos à sociedade? Atenção, pois pode ser muito importante resolver problemas familiares ou empresariais ... em termos de comportamento. Esta foi uma das propostas do behaviorismo, e a chave de seu sucesso em alguns ambientes. Os americanos contestaram a psicanálise e no lugar dela propuseram o comportamentalismo, sob a liderança de Skinner, na prática de uma terapia da adaptação, em vista da superação de conflitos de toda ordem.

Por que estou dizendo tudo isso? Porque, inclusive em relação à Universidade, Freud se perguntou se era possível ensinar psicanálise em seu âmbito. Ele próprio achava que não. Na época, a mentalidade dos universitários não lhes permitia acolher a psicanálise. E há um fato histórico que é preciso mencionar. Freud praticamente foi expulso da Academia de Medicina de Viena, com esta frase: “Dr.Freud, isto que o senhor está fazendo não é medicina. Faça o favor de retirar-se”. E foi preciso a intervenção do Dr. Breuer para contornar a situação, mostrando como de fato Freud estava trazendo alguma coisa nova para a própria medicina.

Hoje, a Universidade está muito mais acolhedora. Lá na UNICAMP, por exemplo, o Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência tem professores estudando a psicanálise em seu diálogo com outras ciências. Os

professores Monzani e Osmir, entre outros, dedicaram-se ao estudo da psicanálise do ponto de vista histórico e epistemológico, embora não propriamente clínico. E a Faculdade de Medicina tem uma pós-graduação em Saúde Mental, com alguns cursos de inegável qualidade.

3. Deixem-me voltar à pergunta a respeito das *transformações*. Como conseguí-las? A psicanálise, sendo uma ciência pós-paradigmática, será que leva em conta a ajuda que outras ciências lhe podem oferecer? Bion responde que sim, principalmente ao falar dos modelos, e do modelo filosófico-científico em especial.

A este propósito, o Remark passou-me um livro que eu mesmo escrevi com o título *A metapsicanálise de Bion além dos modelos*. É um livro esgotado, o que é sinal de sua boa divulgação. Vou retomar pelo menos o subtítulo: *A metapsicanálise de Bion além dos modelos*. Por isso, há pouco eu falava de uma psicanálise *pós-paradigmática*, além dos modelos paradigmáticos.

Antes de começar, entretanto, vou dizer uma coisa que acho extremamente importante no caso de Bion, e vale para todos os analistas bionianos. A saber: Bion é uma pessoa extremamente culta e bem informado. Quando, pois, nos fala do uso de modelos, ele sabe muito bem do que está falando. E a pergunta fica no ar: e nós, será que somos tão bem informados quanto ele? Ou dito numa linguagem mais condensada: como será a cultura do analista? Pergunta delicada, principalmente quando ouvimos dizer que tal analista é muito sensível, bom psicólogo, etc... Mas será que tem cultura, pelo menos para entender Bion, Freud, Lacan?

Quando me refiro aos modelos e enfatizo *além dos modelos* é pressupondo uma cultura tão ampla quanto possível. E dou imediatamente um exemplo significativo: considero Bion um *cidadão do universo*. Ele nasceu na Índia, filho de pais ingleses. Conhece a cultura hindu bem como a cultura inglesa. Morou na Inglaterra, mas visitava freqüentemente o Continente. Seu nome completo é Wilfred Ruprecht Bion, com um sobrenome francês e anglo-saxão. Morou nos Estados Unidos, veio várias

vezes ao Brasil e à Argentina. De fato, um *cidadão do universo*, com uma cultura universitária invejável. E isso muito o ajudou não só a praticar a psicanálise, mas a pensá-la em novos termos.

Nós também precisamos de suficiente base cultural. Dito de maneira um pouco mais ampla: para ser um bom psicanalista nós precisamos de algo mais que simplesmente a psicanálise. E Bion nos ajuda pelo menos a pensar, quando nos fala a respeito de vários modelos. De fato ele enumera três, que eu desdobro em dez (filosófico, científico, estético, artístico, mítico, poético, religioso, ético, místico, psicanalítico). Mas nós devemos começar refletindo um pouco mais sobre a função do modelo propriamente dito.

A melhor comparação, do ponto de vista epistemológico, é com uma ponte: ela serve para passarmos de um lado para o outro. Neste sentido sua função é mesmo de trânsito, ou de *ferência* – na linguagem do próprio Bion. Ela foi feita para a gente passar, e não para ficarmos em cima dela. (Digo isso, e por associação livre fico pensando naquelas pontes, lá em Paris, em cima ou embaixo das quais, a gente se delicia vendo a paisagem!).

Como tal, a ponte tem uma estrutura característica, com um ponto de apoio de cada lado – ambos com o papel de sustentação. No entanto, e apesar disso, o mais importante é passar pela ponte, de tal sorte que depois de atravessá-la, você não precisa mais dos seus serviços. Em outras palavras, também os modelos foram feitos para serem usados e abandonados depois do uso.

Não abandonar o modelo, por mais importante que ele seja é ficar preso num determinado ponto da caminhada, sem chegar aonde a gente precisava chegar. Por mais importantes que sejam os modelos (usados nas *transformações*) eles precisam ser abandonados para podermos chegar à *transação* propriamente dita, com acesso ao nível simbólico dos elementos *sigma*.

Em função dos modelos, estabelece-se uma relação bem precisa entre o paciente e o analista, de sorte que um não impeça a travessia do outro. Melhor dizendo, que nenhum dos dois impeça o trabalho de análise propriamente dito, em termos de *aprendizagem e crescimento*.

O exemplo dado por Merleau-Ponty é o do pintor que “nos empresta seus olhos, para vermos o que só ele vê, quando olha o que todo mundo olha”. E eu gosto de transpor a frase para o âmbito da escuta psicanalítica: “O analista é como o artista que nos empresta seus ouvidos para escutarmos o que só ele escuta quando ouve o que todo mundo ouve”. Há assim uma valorização do modelo artístico na prática da psicanálise, que, no entanto, deve ser abandonado para que a experiência analítica possa acontecer no que tem de mais original – digamos, uma *escuta do inconsciente*.

Dessa forma o analista pode dirigir-se ao paciente perguntando: “Você ouviu o que você acaba de dizer?” Isto porque a escuta do analista pode ajudar o paciente a melhor *escutar* o que ele mesmo disse sem perceber, ou sem querer.

Já me ocorreu com relativa frequência de chamar a atenção do paciente para o que ele acabava de dizer sem se dar conta. Para isso Lacan usa a expressão *pontuar*, ou *sublinhar*. E assim fazendo, o analista leva o paciente a pensar sobre o que estava querendo dizer e não conseguia, ou então estava dizendo sem querer!

Indo além do que foi dito explicitamente, a dupla consegue simbolizar, dizendo “*sentido, sentidos e mais sentidos*”. Em outras palavras, consegue expandir a polissemia de uma fala mesmo reprimida. Aliás, uma outra maneira de proceder é perguntando ao paciente “o que mesmo você estava querendo dizer?”. Com semelhante pergunta o analista convida o paciente a simbolizar suas próprias palavras. E às vezes este último surpreende-se, ao tomar consciência do que disse sem querer!

Por isso é que Lacan chama nossa atenção para “o dizer, o querer dizer e o conseguir dizer”. Muitas vezes o Inconsciente diz o que nós não

queríamos dizer, ou então nos impede de dizer o que estávamos querendo dizer. O campo se amplia, e todos percebemos como é importante não fazer perguntas fechadas, que já comportem uma resposta dentro delas.

Façam perguntas em aberto. Ajudem o paciente a pensar junto com vocês, ou até mesmo sem vocês. E aí pode realmente haver grandes surpresas, tanto da parte do analista como do paciente. A este propósito, Bion disse uma frase que ficou célebre: “Com uma boa interpretação, a mente do paciente entra em expansão e não é certo que o analista seja capaz de acompanhá-lo”. Felizmente o paciente pode ir mais longe que o analista. E graças a Deus quando isso acontece! Pelo menos é importante que o analista não impeça o paciente de pensar.

4. Vou ler-lhes uma página de Bion no início de *Transformações*:

*“Suponha um pintor que vê uma picada através de um campo semeado de papoulas e a pinte. Numa das extremidades da cadeia de eventos está o campo de papoulas, na outra uma tela com pigmentos depositados na superfície. Podemos reconhecer que esta última representa o campo (e a palavra sublinhada é **representação**). Eu devo supor que a despeito das diferenças entre um campo de papoulas e um pedaço de tela, a despeito das transformações que um artista efetuou no que viu para fazer com que tome a forma de uma pintura, alguma coisa permaneceu inalterada e desta alguma coisa depende o reconhecimento. Aos elementos que possibilitam o aspecto inalterado na transformação devo chamar de **invariantes** aos outros de **variáveis**”.*

Nesse texto, Bion resume e condensa o que está chamando de **transformação**. É a “mesma coisa”? Sim e não. É o mesmo campo de papoulas *transformado*: uma coisa o campo de papoulas lá fora, no mundo externo, outra coisa o campo de papoulas representado na tela.

Atenção, pois aqui nós devemos chamar a atenção para uma dificuldade tipicamente psicótica. O psicótico tem dificuldade em distinguir a presença física de uma coisa e sua representação psíquica ou artística. Em

ambos os casos, nos servimos da palavra *presença*, mas uma é a presença física, outra a re-*apresentação* psíquica. (Os filósofos diriam que o psicótico tem dificuldade em vivenciar a *intencionalidade* do conhecimento como correspondência verdadeira; e de conceber a idéia como voltada para seu objeto).

Aliás, a este propósito Bion gosta de citar uma frase de Kant (que todo mundo repete, mas nem todo mundo entende, ou pelo menos não entende do mesmo jeito...). A frase é: “intuição sem conceito é cega, conceito sem intuição é vazio”.

Noutros termos, quando dizemos *palavras* apenas (...*words, words, words...*) nem por isso nos comunicamos transmitindo algum conteúdo. Nesse caso, há uma verdadeira babelização, em que as palavras são ditas sem que ninguém se entenda. Falar sem conteúdo, falar sem se dar a entender, é babelizar. E este é um risco que a dupla (analista/paciente) pode correr, de falarem sem se entenderem.

No entanto, este não deixa de ser um belo desafio. Por que? Porque trata-se de encontrarmos o **conceito** certo para nossa **intuição**. Aliás, vou aproveitar para fazer mais uma homenagem à mãe grávida, aqui presente. Dá para “vermos” o **conceito** dentro de seu corpo! Nossa mente funciona como um útero fecundo que concebe e dá à luz. Ao pé da letra, o conceito é o concebido, particípio passado do verbo latino *concipere*: **conceptum**.

Mas atenção: se nossa mente tem um lado feminino, materno, ela tem também um lado masculino, paterno, a partir do qual a palavra **intuição** tem o sentido de **penetração**, ou ir-dentro. A mente penetrada é fecundada gerando um conceito que em seguida será dado à luz, como um filho de pai e mãe! Nem só mãe (conceito), nem só pai (intuição)!!! Donde a frase de Kant: “intuição sem conceito é cega, conceito sem intuição é vazio”.

Daí a importância da pergunta: e nossa mente é fecunda? Com que idéias e com que conceitos? E podemos continuar com analogias simbólicas: no nascimento, que **nome** damos a nossos conceitos? Há uma frase de Bion muito eloquente, em que se dirige a seu paciente nesses

termos: “isto que o senhor está sentindo é o que eu chamo de inveja”. Nessa frase, Bion está dando um *nome* ao sentimento que o paciente não estava reconhecendo.

Este exemplo é riquíssimo, principalmente depois do que dissemos ontem, sobre a diferença entre inveja e gratidão. De acordo com o vocabulário sugerido por Olavo Bilac, temos aqui ouro puro (elementos *alfa*) suscetíveis de serem transformados em jóia rara (elemento *sigma* simbolizado). *Isto* (elementos beta) que o senhor está *sentindo* (elementos alfa) é o que eu *chamo* de *inveja* (elementos sigma). Só falta passar à ação: o senhor vai continuar invejoso? Com a possibilidade de *conceituar*, surge uma outra de *nomeação*, com a devida *transformação* de uma *personalidade* que se desenvolve por meio da *aprendizagem* de si mesmo!

5. Mas Bion continua: não apenas conceituar e nomear, mas *comunicar*. E assim surge um novo desafio: como comunicar ao paciente, ou melhor, como comunicar-se com o paciente? Não é tão simples assim.

Aliás, esta costuma ser uma queixa dos pacientes lacanianos: “Meu analista não fala!”. No caso de Bion e Melanie Klein, há como o pressuposto de que o analista vai comunicar-se, não apenas superficialmente, mas no mesmo nível em que houve concepção e intuição. Como se pode observar em algumas supervisões, Bion consegue comunicar-se de maneira surpreendente para o paciente, e mesmo para quem lê as supervisões ainda hoje. Em suas comunicações, Bion disponibiliza ao paciente as intuições que ele próprio teve.

E isso continua por ocasião das *publications* ou publicações aos colegas e outras pessoas interessadas. É quando podemos constatar uma particular generosidade de Bion – entendam uma *generosidade competente*.

Desse ponto de vista, eu não hesitaria em dizer que Bion reconhece uma *função social* do analista. O analista tem um papel social na comunidade, de comunicar, primeiramente aos colegas, o que ele próprio aprendeu e descobriu na prática analítica. Quando publicou seus livros, divulgou seus seminários, disponibilizou suas supervisões, Bion não deixou

de prestar um serviço à comunidade, um serviço específico como só um analista competente podia prestar.

Quando digo isso, não deixo de reconhecer a influência que a psicanálise exerceu e continua exercendo junto a outras ciências, principalmente na área das humanas. E é uma influência reconhecida, inclusive entre escritores e mesmo poetas. Um exemplo que posso dar tranqüilamente é o da Maria Rita Kehl, que se não me engano começou como jornalista, e hoje se apresenta como psicanalista. Outro exemplo é o do Contardo Calligaris. Ele consegue fazer uma *publicação* do ponto de vista psicanalítico na interpretação de fatos culturais, regionais e globais, de maneira muito interessante. Não hesito em dizer que o Contardo tem tido um papel importante, eu diria, na leitura psicanalítica de alguns fenômenos sócio-culturais da atualidade.

Por último, além do conceito, da nomeação, da comunicação e da publicação, o mais importante é a *designação* do real, ou nas palavras de Bion a *re-ferência* ao ponto de partida. Tendo dado a volta completa (da extração à transação, da intuição à publicação), nós podemos olhar e ver o *real* com outros olhos: “isto que o senhor está trazendo é o que eu chamo de inveja”.

Diz Bion de maneira bem didática que do lado esquerdo de nosso quadro nós temos a **ATENÇÃO** e do lado direito a **INTERPRETAÇÃO**. Este é o título do livro que ele escreveu depois de *Transformações*, que por outro lado é precedido pelos *Elementos de Psicanálise*. Nós começamos com os *elementos* de psicanálise, fazemos *transformações* e por último *interpretamos*.

Uma sessão de análise é assim. Complicado? Nem tanto, pelo menos depois que você *aprendeu com a experiência*. Uma experiência extremamente rica.

Uma última palavra a comentar é **Realização**, do lado direito de nosso quadro. (Embaixo **Percepção**, à esquerda **Abstração**, em cima **Simbolização**, à direita **Realização**). Usando o esquema lacaniano, nós

partimos do real, passamos pelo imaginário, e vamos até ao simbólico. Na volta, fazemos o caminho inverso: do simbólico, passamos pelo imaginário e voltamos ao real. Dito de maneira chocante: um é o real no começo do processo, outro é o Real no fim. O que nos interessa mesmo é o Real-Simbolizado, ou, nos termos de Lacan, o Real Resignificado com a ajuda da simbolização.

Aliás, devo acrescentar um pequeno comentário da palavra *Realização*. Nós a tomamos no sentido inglês de *realize* isto é conotando ao mesmo tempo percepção e intuição, com o sentido de dar-se conta de alguma coisa, que permite intervir na realidade. Em termos filosóficos, mais propriamente metafísicos, pode-se dizer que as coisas são *realizações* das idéias divinas. E por isso, também se fala do realismo em filosofia.

Em todo caso, Bion usa a palavra *realização* com muita força e vigor, sem no entanto confundi-la com concretização. Aliás, já que acabei de usar esta palavra, seria o caso de começarmos agora um novo parágrafo para falar da psicopatologia.

6. De maneira extremamente resumida, começo citando Freud e o que escreveu sobre a *Psicopatologia da vida cotidiana*. Um título genial, pois não deixa de sugerir que o cotidiano é mesmo lugar e tempo do psicopatológico.

Lacan sugere um enfoque parecido com o de Bion, ao distinguir entre o Real, o Imaginário e o Simbólico. Relativamente a esses três níveis, podemos falar de uma psicopatologia característica: distúrbios psicóticos relativos ao campo do Real, distúrbios neuróticos relativos ao campo do imaginário, distúrbios esquizóides relativos ao campo do simbólico.

A psicopatologia psicótica é caracterizada pela dificuldade que o psicótico tem em lidar com a realidade, tanto no ponto de partida (RIS), como no ponto de chegada (SIR). Dito de maneira mais simplificada, o psicótico sofre com a realidade, da maneira como a percebe e como se relaciona com ela. Exagerando muito, o Presidente Schreber achava que o mundo não era do jeito que ele queria, e que ele seria capaz de fazer um

outro melhor que este que Deus fez. Concretismo, irrealismo, onipotência, idealização ... são outras tantas maneiras de falar dos distúrbios psicóticos. E a terapia que lhes corresponde tem como cuidado central a reconciliação com o real, não apenas fazendo as pazes com ele, mas levando-o em conta como indispensável ponto de partida para qualquer transformação.

A psicopatologia neurótica é pelo menos aparentemente mais sofisticada ou, melhor dizendo, mais complicada. Aliás, esta é mesmo uma boa maneira de falar dos distúrbios neuróticos: ele complica as coisas mais simples, e lida mal com as mais complexas, transformando complexidade em complicação. E isso acontece com tanto mais intensidade quanto mais inteligente o neurótico parece ser. Um neurótico inteligente dá a impressão de simbolizar, em função da polissemia simbólica, quando na realidade ele tem é uma maior capacidade de imaginar coisas, fantasiando ou até mesmo alucinando. Levanta hipóteses e mais hipóteses, não tanto de maneira criativa – como acontece com o cientista – mas de maneira desordenada, por deficiência da norma simbólica. Uma das características principais do neurótico é sua capacidade para criar novos problemas, chegando a ponto de problematizar a própria solução que tem em mãos. É como se dissesse, a si mesmo e aos outros, eu não gosto de soluções, eu gosto mesmo é de problemas. Evidentemente ele acaba, com isso, alimentando problemas insolúveis.

Uma boa terapia do neurótico é ajudá-lo a distinguir entre a atividade imaginativa e a atividade simbólica propriamente dita. (E eu devo dizer que muita gente confunde as duas coisas, e acha que está simbolizando quando está apenas imaginando, fantasiando ou sonhando!). Lacan resume bem a diferença quando diz que o simbólico é “a norma que preside a estruturação das estruturas”. Ao contrário, uma imaginação perturbada não tem norma e vai em todas as direções, levada muito mais pela dispersão dos afetos que pela criatividade inteligente.

A psicopatologia esquizóide, também ela é diretamente contrária à experiência simbólica, em seu duplo aspecto de polissemia e ligação – tanto no nível da significação como do relacionamento interpessoal. O

símbolo reúne, o esquizóide separa – diabolicamente. No nível do pensamento e da linguagem, o esquizo não reúne de maneira coerente as palavras, os conceitos, as idéias, e acaba tendo um discurso desconexo, sem lógica e sem verdade (como coerência). Em especial, falta ao esquizóide a capacidade de passar da lógica da matemática para a lógica das ciências empíricas e principalmente das humanas. Paradoxalmente, ele é coerente com sua própria incoerência!

Mas a principal perturbação do esquizofrênico é sua maior dificuldade em relacionar-se com outras pessoas, criando vínculos com elas, e podendo vivenciá-los de maneira favorável aos outros e a si mesmo. É a seu respeito que mais faz sentido a frase de Sartre em *Huis Clos*, dizendo que “o inferno são os outros”.

A terapia do esquizo desenvolve-se na tentativa de criar novos vínculos, e talvez recuperar algum vínculo ainda existente. Provavelmente, a situação edípica, com os primeiros laços com os pais e em especial com a mãe, seja um dos assuntos inevitáveis e urgentes na análise de um paciente esquizo.

Atenção, pois a maneira como falei poderia dar a impressão de que os distúrbios neuróticos, psicóticos e esquizóides encontram-se apenas em algumas pessoas. Ora, Bion tem suficiente coragem e lucidez para dizer que a psicopatologia diz respeito a todos nós. Em particular, ele fala da parte psicótica de nossa mente, ao lado de sua parte saudável. E acrescenta que podemos e devemos usar nossa parte sadia para cuidar da parte doente. E em se tratando de psicanalistas ou psicoterapeutas, é indispensável que tenhamos suficiente humildade e honestidade para tratar desses aspectos em nossas próprias análises. E que bom quando encontramos um analista capaz de ajudar-nos nessa nobre tarefa: usar nossa parte simbólica, para cuidar de nossa parte diabólica.

7. Aliás, Lacan vai fundo e não deixa de falar de uma patologia no ser, como *manque à être*, uma falha constitutiva de nosso ser, como

criaturas. Não somos deuses, nem nunca seremos. Conseqüentemente, um dos aspectos da psicopatologia estará precisamente em achar que semelhante *falta* é por nossa culpa! Este é o aspecto inconsciente no mito do pecado original.

Nas palavras de Sartre, é como se Lucifer houvesse dito a Adão: “Você não é Deus, e a culpa é sua!”. O sentimento de uma culpa original teria nascido igualmente daí, Adão acreditando que era mesmo assim: “Não sou Deus e a culpa é minha”. Por isso mesmo, a redenção como realização-reparadora começa igualmente por aí: “Entenda que você não é Deus, e não há nenhuma culpa nisso”.

Já disse a vocês que um dos modelos usados por Bion é o mitopoético-religioso. E o primeiro exemplo trazido pela própria Bíblia é bem este: um mito poético-religioso a respeito do pecado original, em função do qual o existencialismo fala também de uma inevitável angústia existencial. Digo inevitável, principalmente para quem toma consciência da finitude da existência humana.

Por seu lado, um bom psicanalista não deixaria de mostrar ao filósofo existencialista como semelhante angústia acha-se intimamente – isto é, inconscientemente – ligada ao sentimento de onipotência, de quem não é Deus, mas bem que gostaria de ser. Ora, querer ser Deus também é psicopatológico!

Ao contrário, a consciência do limite e sua assunção, é saudável em todos os sentidos. Até porque, mais uma vez citando Kant: “o limite define as condições de possibilidade”. Muita coisa é possível dentro de nossos limites.

E vocês estão vendo como podemos fazer uma leitura muito proveitosa da Bíblia com a ajuda da psicanálise. Já disse de público e vou repetir: depois da psicanálise minha religiosidade não é exatamente a mesma que antes – sem perda da fé! Com a ajuda da psicanálise, leio hoje a Bíblia tentando entender um pouco melhor a psicopatologia dos personagens bíblicos. E isso, eu diria, é saudável, inclusive sem esquecer

como também Bion proclamou sua fé na Realidade Última: “Creio na Realidade Última como fato primordial”.

Aliás, já que falei assim, deixem-me acrescentar que um dos capítulos mais sérios e delicados de toda análise é o do sentimento religioso do paciente. Por que? Porque o sentimento religioso é “protegido” tanto pelo consciente como pelo inconsciente, ambos dizendo: “Não toque aí!”. Entretanto, não há como não tocar até porque, como todo psicanalista reconhece, “sexo e Deus são dois assuntos que, mais cedo ou mais tarde, aparecem em todas as análises”.

Aliás, *não tocar* seria deixar as coisas do jeito que estão, sem considerar reais possibilidades de crescimento. A esse propósito gostaria de pelo menos citar o que Elliot Jacques escreveu a respeito da crise da meia idade. Como tal, tudo nela entra em crise - inclusive o lado religioso das pessoas. Nessa ocasião, também o “Deus de cada um” não deixa de ser questionado. Na grande maioria dos casos, pessoas consideradas “adultas” são de fato extremamente infantis do ponto de vista religioso e, por ocasião de uma boa análise, podem experimentar uma verdadeira conversão, passando de uma religiosidade infantil para uma outra mais adulta.

Falei acima do “deus de cada um”. Fiquei contente ao encontrar com esse mesmo título um livro cuja leitura lhes recomendo. Pessoalmente não deixo de trabalhar com meus pacientes a relação entre o deus deles e outros aspectos de sua personalidade examinados na análise. (Por exemplo, a religiosidade e a culpa, a religiosidade e a transcendência, a religiosidade e os relacionamentos interpessoais, etc.) Afinal, como é o seu deus, e que influência ele tem em sua vida?

Mesmo os que se dizem ateus não deixam de trazer uma problemática religiosa, em termos negativos, da qual não estão excluídos aspectos psicóticos tais como a onipotência e a onisciência dos que se julgam capazes de ... dispensar Deus, para não dizer *matá-lo*. Já disse que ainda pretendo escrever um artigo sobre “aspectos psicóticos do ateísmo”.

Fala da Lucia:

P – Fiquei pensando na frase “ não toque aí”. Que diferença pode haver entre o interdito e o sagrado, entre o tabu e a veneração?

R – Começaria lembrando o que o próprio Freud escreveu em *Totem e Tabu* levando em conta a contribuição da antropologia. E acrescento que apesar de algumas semelhanças, não devemos confundir o tabu e o sagrado, embora de alguma forma ambos sejam intocáveis. O tabu é intocável em nome do desconhecimento e da alienação. O sagrado, diferentemente do profano, propicia uma outra experiência, como sugerido pelo “infinito, informe, inominável”. Neste sentido, o segundo Mandamento nos proíbe “Tomar o Nome de Deus em vão”. É uma atitude diferente do tabu, e por outros motivos.

Isto seja dito sem desconhecermos o que nos é ensinado pela antropologia a respeito do que há de primitivo no inconsciente coletivo (que Jung chama de *arquetípico*). Como tal, ele pode ser estudado inclusive na Bíblia, para conhecermos um pouco melhor o inconsciente arquetípico do povo judeu, ao longo de sua história.

E como estamos na Bahia, não posso deixar de mencionar o dia 2 de fevereiro comemorando ao mesmo tempo Iemanjá e a Purificação de Nossa Senhora. Sabem por que? São exatamente 40 dias depois do Natal, isto é, a quarentena durante a qual a mulher que deu à luz era considerada *impura*, por ter entrado em contato direto com a fonte da vida.

Estudando um pouco mais de antropologia, a gente aprende em que sentido o sagrado é intocável, e quem o toca precisa ser purificado antes de voltar ao dia a dia do comum dos mortais. E esta acaba sendo também uma outra maneira de conotar a experiência sexual.

8. Vocês precisam convidar um antropólogo. Aliás, mais um texto para a biblioteca de vocês, seria *Estruturas elementares do parentesco* de Lévi-Strauss. Ele fala ao mesmo tempo sobre a eficácia simbólica e uma de suas formas no fetichismo.

E já que falei de fetichismo, devo comunicar-lhes que nosso colega Valton, lá de Fortaleza, acaba de escrever um livro sobre a *A aura*

enfeitada. Ele me pediu para escrever o *prefácio*, e eu escrevi falando enfaticamente sobre o narcisismo.

Como se apresenta o fetiche hoje? Através da mídia, especialmente na telinha da televisão. A tal ponto que Narciso nem sequer consegue olhar-se no espelho. Vejam o paradoxo! Olhando a televisão, o espectador-narciso não vê sua própria imagem refletida no espelho, mas tal como o produtor a projeta. “Você quer estar na moda? Compre o sapato x”. “Você quer ser feliz? Passe as férias em tal lugar...”. De novo, a imagem de Narciso não é mais um reflexo dele mesmo, mas uma produção do programador. Noutras palavras, é a alienação da própria imagem de Narciso, no nível do imaginário, sem acesso ao simbólico.

Por que estou dizendo tudo isso? Porque estamos desdobrando a psicopatologia da vida cotidiana, relativamente a sexo, Deus, a finitude, a culpa, o castigo etc. como aspectos inseparáveis da condição humana. E o pior é quando tudo isso é tratado de maneira dogmática, como manifestação do que Bion chama de dogmatismo moralista psicótico. “Você não conseguiu ser Deus e a culpa é sua! Você vai ser condenado e vai comer o pão que o diabo amassou! Você vai para o inferno e vai ficar lá por toda a eternidade!”

Desse ponto de vista, podemos dizer que a psicanálise está contribuindo para a re-humanização do humano. Dei um curso sobre a ética e escrevi um capítulo sobre a felicidade humana, “uma felicidade na medida do possível”. Ao usar semelhante expressão, estou dialogando com André Comte Sponville que publicou um texto com o título *A felicidade desesperadamente*. Não chega a ser uma apologia do desespero, mas insiste bastante nos limites. Eu prefiro falar de uma felicidade humanizada, e dentro do possível.

9. Para terminar nós voltamos ao tema da dialética entre a imanência e da transcendência.

Durante muito tempo, no passado, os filósofos falaram da felicidade em função do fim último, *bem supremo*, fora da história, transcendente. No

pensamento contemporâneo, passamos a falar de uma felicidade imanente, em termos de *bem comum*, e de solidariedade, tanto quanto possível. Sobre essa nova abordagem, encontrei na internet um artigo de Leonardo Boff e frei Betto sobre a *A teologia da Libertação*. Entendo perfeitamente o que estão querendo dizer, e estou de acordo com eles. A teologia da libertação passa a ser um dos aspectos eu diria *psicanalíticos* da vida religiosa hoje. Vamos nos libertar de toda forma de opressão, inclusive da opressão religiosa, a começar por aquela que se serve dos recursos da mídia televisiva.

Desculpem-me o desabafo, mas eu cansei, no sentido de ficar desgostoso dos programas religiosos na televisão. Que lástima, e que contra senso. Uma propaganda que inclusive dá dinheiro! Ora se dá!

Estou terminando minha exposição e vou convidar a todos, mas principalmente os novos, a terem calma. Bion não é um autor fácil. Estudei sua obra durante 20 anos e ainda tenho muita coisa a descobrir. Mas posso dizer-lhes que o estudo de Bion me fez e me faz muito bem, permitindo-me sentir-me um pouco mais desenvolvido. Sou-lhe, portanto, muito grato, não tanto por me ter tornado bioniano, mas por ter-me tornado um pouco mais eu mesmo.

Nosso colega de São Paulo, o Odilon, falava da impossibilidade de alguém ser bioniano. Eu expliquei em que sentido me considero bioniano: por ele ter-me ajudado a ser um pouco mais eu mesmo. Sou mais eu mesmo com ajuda de Bion, e por isso mesmo não me proponho como modelo para vocês. Ao contrário: sejam cada vez mais vocês mesmos, não por imitação de quem quer que seja, mas de verdade, realmente – como dizia o mesmo Bion a respeito do analista que é. Sejam vocês em nome próprio, na primeira pessoa. Esta é finalmente a proposta bioniana, que faço também minha nesse momento: sejam vocês de verdade.

E muito obrigado pela atenção.

